



Winnicott e Jung*

Winnicott and Jung

 Zeljko Loparic**

Resumo: De início, o presente trabalho reconstrói a recepção winnicottiana da psicologia analítica e da autobiografia de Jung, explicitando a maneira como Winnicott concebeu a oposição entre Jung e Freud, tanto em termos pessoais como teóricos. Prossegue mostrando que Winnicott afirma a complementaridade entre Freud e Jung, e propõe a tese de que a sua teoria do amadurecimento pode servir como quadro de referência para a unificação da psicanálise freudiana com a psicologia analítica. Na sequência, estuda os pressupostos dessa tese: execução de uma mudança revolucionária do paradigma freudiano, crítica da linguagem e do modo de teorização da psicologia analítica e reconstrução de elementos da psicologia analítica no paradigma winnicottiano. Por fim, o trabalho examina as possíveis consequências institucionais das propostas de Winnicott.

Palavras-chave: Winnicott, Jung, psicanálise, psicologia analítica, esquizofrenia infantil.

Abstract: The present work starts off by rebuilding winnicottian's reception of both analytical psychology and Jung's autobiography, highlighting the way Winnicott conceived the opposition between Jung and Freud, both in personal and theoretical terms. It goes on showing that Winnicott states the complementarity between Freud and Jung, and suggests that his maturation theory may serve as a reference framework to the unification of Freudian and analytical psychoanalysis. Following that, the text focuses on this theory's assumptions: the execution of a revolutionary change in the Freudian paradigm, language criticism and the analytical psychology is theorized and rebuilding of elements in winnicottian paradigm. Lastly, the work examines possible institutional consequences in Winnicott's proposals.

Keywords: Winnicott, Jung, psychoanalysis, analytical psychology, infant schizophrenia.

* Versão ampliada e modificada da palestra pronunciada no XII Colóquio Winnicott da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW), São Paulo, PUCSP, 24-26/05/2007. A mesma temática foi objeto de várias aulas ministradas, a partir dessa data, no Curso de Formação em Psicanálise Winnicottiana oferecido pelos Centros Winnicott da SBPW.

** Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR.

1. Introdução

Winnicott sempre se definiu como terapeuta de linhagem psicanalítica, sem que isso implicasse uma fidelidade cega à pessoa ou à doutrina de Freud. A admiração que nutria por Freud não impediu Winnicott de detectar, no modo de ser do pai da psicanálise, uma fuga para a sanidade, que se constituiu num obstáculo pessoal de enxergar certos tipos de fatos clínicos dos quais a loucura faz parte (as cisões) – obstáculo que continuaria presente em boa parte dos grupos freudianos – e de constatar as limitações da teoria e da clínica freudiana centrada nas neuroses. O prestígio de Freud, que até hoje paralisa tantos, não fez com que Winnicott deixasse de pensar livremente e seguir seus próprios caminhos, tanto na clínica como na teoria; em particular, não o demoveu da tentativa, exigida por suas descobertas clínicas, de propor, na sua própria linguagem, uma reformulação da psicanálise que abrangesse as psicoses e vários outros tipos de distúrbios, contribuição que pode ser vista como um novo paradigma, resultado de uma revolução produzida nessa disciplina.

Ao mesmo tempo, Winnicott manifestou, em diferentes ocasiões, o seu especial apreço pela grandeza excepcional da personalidade de Jung, bem como pelo caráter original e particularmente rico das suas contribuições para o avanço do nosso conhecimento da natureza humana. Em 1967, num discurso na Associação de Psicologia e Psiquiatria Infantil, Winnicott declarou:

Os psicoterapeutas precisam ter uma teoria para trabalhar, e esta teoria, como poderá ser constatado, deriva-se da imensa contribuição de Freud e do trabalho daqueles que o seguiram ou que reagiram a certos elementos dessa contribuição. Jung precisa ser mencionado pelo nome, na medida em que *Jung é propriamente Jung, e não um desenvolvimento de ou uma reação a Freud*. (1996a, p. 252; tr. p. 217; os itálicos são meus)

Jung, que é “propriamente Jung”, encontra-se na sua autobiografia traduzida para o português sob o título *Memórias, sonhos, reflexões*. Mas o que há de tão notável na personalidade de Jung? Segundo Winnicott, o fato de ele ter se recuperado de um distúrbio de esquizofrenia infantil. E o que de especialmente meritório no pensamento de Jung não foi um desenvolvimento nem uma reação do pensamento de Freud? O fato de ele ter produzido uma obra que trouxe um extraordinário benefício para a comunidade dos psicoterapeutas: “ele nos brindou, se pudermos escutar e ouvir, com um excepcional insight nos sentimentos daqueles que são mentalmente cindidos” (1989a, p. 483). A vida de Jung, espelhada na sua obra, mostrou

como a doença psicótica pode não apenas proporcionar a uma pessoa um monte de problemas, mas também impulsioná-la a realizações excepcionais. Ele, sem dúvida, lançou um raio de luz sobre o problema que é comum a todos os seres humanos, na medida em que existem defesas

comuns contra o intolerável ou o que pode ser chamado de medos psicóticos. (1989a, p. 492; tr. p. 372)

Ao fazer isso, Jung não somente contribuiu, de forma decisiva, para o conhecimento da esquizofrenia e para a psicoterapia desse tipo de distúrbio; ao mesmo tempo, ele mostrou as limitações não apenas da teoria como também da clínica baseada na psicanálise freudiana: “Jung ajudou aqui, e [mesmo] entre os psicanalistas existem aqueles que estão chamando a nossa atenção para a inaplicabilidade da chamada técnica psicanalítica clássica ao tratamento da esquizofrenia”. (1989a, p. 492; tr. p. 372)

Contudo, assim como aconteceu em relação a Freud, Winnicott não confundiu, ao tratar de Jung, estima pessoal com lealdade pessoal, nem reconhecimento da importância da contribuição intelectual com fidelidade doutrinária. Winnicott identificou com clareza os efeitos limitadores da cisão na personalidade de Jung não somente na sua vida, mas também no seu modo de pensar e, posteriormente, na dinâmica dos grupos junguianos. Winnicott enfatizou o caráter não científico do conhecimento da natureza humana proporcionado pelo insight junguiano e pôs em dúvida a possibilidade de desenvolver, com base em um núcleo central da doutrina Jung, um referencial que pudesse unificar a comunidade dos psicoterapeutas e servir de base para uma formação consistente de novos membros dessa comunidade.

2. Conflitos sectários

Essas observações, ainda que muito genéricas, permitem entender a maneira como Winnicott se posicionará em relação à disputa entre Freud e Jung, iniciada em 1912, e às divergências posteriores entre os freudianos e os junguianos. A sua resenha da autobiografia de Jung se inicia com o seguinte enunciado muito esclarecedor: “A publicação deste livro proporciona aos psicanalistas uma oportunidade, talvez a última que terão, para chegar aos termos com Jung. Se fracassarmos em fazê-lo, declaramo-nos sectários, sectários de uma falsa causa” (1989a, p. 482; tr. p. 365).

Essas são palavras fortes, que merecem um momento de reflexão. De que “falsa causa” fala Winnicott? A causa daqueles que escolhem “alinhar-se com Freud e medem Jung por comparação com ele” (1989a, p. 482; tr. p. 365). O modo como se deu, em 1913, o rompimento de relações intelectuais e pessoais entre Freud e Jung costuma ser usado pelos seus seguidores como padrão a seguir. Em *Wandlungen und Symbole der Libido* (Metamorfoses e símbolos da libido), de

1911/12,¹ Jung se alinha com Schopenhauer para propor uma única força vital original, um único “interesse”, que se diferenciaria, ao longo da vida da espécie e de cada indivíduo humano, em interesses ou forças parciais, uma delas sendo a libido especificamente sexual no sentido de Freud (Jung, 1938, p. 126). Jung ainda contesta a afirmação de Freud de que “originariamente, nós temos conhecimento apenas de objetos sexuais”, e põe no seu lugar a tese de que a mãe, que alimenta e sem a qual o bebê humano “não pode existir”, não é apenas o objeto original, mas o próprio mundo original do bebê humano (p. 394). Jung não hesita em dizer que a proibição do incesto, elemento central do complexo de Édipo de Freud, concerne, no processo de desenvolvimento individual, à interdição da mãe como objeto arcaico (ou seja, da libido não sexual) a serviço da promoção da função de realidade do mundo externo “transsubjetiva” (pp. 394-396), e não da exogamia ou, em geral, da administração da sexualidade. A fantasia de incesto seria a sexualização dos modos de funcionamento arcaicos.² Sustenta ainda que a esquizofrenia não pode ser entendida em termos da repressão da libido sexual, mas como regressão aos modos de relacionamento arcaicos com a realidade (p. 394). Ao propor essas e várias outras teses e procedimentos – em particular o recurso direto à história, às religiões e aos mitos como fontes que permitem ampliar a análise dos problemas da psicologia individual e jogar uma nova luz sobre eles (p. 6) –, Jung bateu de frente com as posições de Freud. Uma das consequências foi o fim da amizade entre os dois e a saída de Jung da presidência da IPA ainda em sua fase inicial.

Com o tempo, as diferenças ficarão ainda mais explícitas, dos dois lados. Por exemplo, em 1952, em relação à tese de Freud, mencionada acima, de que “originariamente, nós temos conhecimento apenas de objetos sexuais”, Jung toma uma posição mais enfaticamente crítica, a qual, estou certo, não desagradaria Winnicott:

Isso é simplesmente a transposição da verdade parcial de um adulto para estados infantis de tipo totalmente diferente. A frase de Freud, entendida literalmente, é errada na medida em que se deveria dizer mais precisamente que, mais originariamente ainda, nós temos conhecimento apenas de seios que alimentam. O fato de um lactente ter prazer ao sugar não prova de modo

¹ Essa obra foi publicada inicialmente em duas partes, a primeira em 2011 e a segunda em 2012 na revista *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, editada por Bleuler e Freud. Ainda em 1912 saiu como separata e foi reeditada sem modificações importantes em 1925 e 1938. Em 1952, foi reeditada numa versão revista sob o novo título: *Symbole der Wandlung* (Símbolos da metamorfose).

² Na sua autobiografia, Jung volta ao assunto para dizer que o incesto tem um aspecto psicológico e mesmo religioso altamente significativo. O incesto ao qual uma das suas pacientes foi submetida aos 15 anos pelo irmão teria feito com que, por um lado, ela se sentisse humilhada aos olhos do mundo, perdesse o contato com o mundo e entrasse num estado de psicose, e que, por outro lado, ela fosse “elevada para o reino da fantasia”, “transportada para um reino mítico, pois, tradicionalmente, o incesto é uma prerrogativa da realeza e das divindades”. Ela “mergulhou nas distâncias cósmicas, no espaço externo, onde se encontrou com o demônio alado” (1963, p. 130; tr. p. 165).

algum que se trata de algo como prazer sexual, pois o prazer pode ter várias fontes diferentes. (1995, p. 529)

Um episódio do período inicial da história da própria British Psychoanalytic Society (BPS), que acontecia na sombra desse conflito, ilustra bem o que costuma acontecer ainda hoje. Fundada por Jones em 1913, a BPS foi logo dissolvida por ele próprio, porque um dos seus membros importantes favorecia Jung.³ Ao escrever a resenha da autobiografia de Jung, sendo presidente da BPS, Winnicott dificilmente poderia não se lembrar desses tipos de episódios, que marcaram a história da BSP. O mal-estar nas relações entre freudianos e junguianos ficou crônico, apesar de intercâmbios intelectuais e relações de amizade entre membros individuais dos dois grupos.

Outro modo de proceder consiste em “examinar Jung e examinar Freud, e permitir que os dois se encontrem e sigam juntos e se separem” (Winnicott, 1989a, p. 482; tr. p. 365). Os que escolherem esse caminho – Winnicott se incluirá entre eles – “têm de conhecer o seu próprio Jung”. O valor da autobiografia de Jung é permitir “conhecer Jung quando ainda se achava inteiramente não afetado por Freud e por todas as suas obras” (Winnicott, 1989a, p. 482; tr. p. 365). Mais adiante, depois de observar que os três capítulos iniciais do livro resenhado são a mais genuína autobiografia de Jung, Winnicott acrescenta:

Estou certo de que todo psicanalista deve ler estes três primeiros capítulos e, dessa maneira, encontrar Jung tal como ele era, e de que nenhum analista que tenha deixado de lê-los acha-se qualificado para falar ou escrever a respeito de Jung e Freud, de seu encontro e de seu fracasso final em entender-se mutuamente. (1989a, p. 365)

3. Superação de conflitos sectários: esboço da posição de Winnicott sobre a separação entre Freud e Jung

Winnicott atribui a separação entre Jung e Freud à falta de possibilidade de comunicação e de compreensão mútua. Cada um deles era possuído por um “daimon” diferente; sendo assim, eles “só podiam encontrar-se, comunicar-se sem uma compreensão básica, e, então, separar-se” (1989a, p. 484; tr. p. 366). Quais são as forças do destino de Jung e de Freud que os levaram à separação? A resposta de Winnicott a essa pergunta pode ser resumida em duas teses: incomunicabilidade pessoal e posições teóricas irreconciliáveis.

Jung tinha personalidade cindida, a cisão sendo usada para defender uma espontaneidade sem conexão com a vida instintual (em particular, sem a destrutividade), de modo que ele não tinha, nem

³ Sobre esse episódio, cf. Winnicott, 1989a, p. 396; tr. p. 303.

podia ter contato com o inconsciente instintual reprimido de Freud. A vida de Jung consistiu num esplêndido esforço de autocura de sua esquizofrenia infantil, a qual lhe permitiu alcançar um entendimento profundo da psicose, a começar pela sua própria. Contudo, esse esforço não produziu uma resolução que se poderia esperar de uma análise e resultou em um beco sem saída, sem alcançar um entendimento que trouxesse satisfação pessoal e cumprisse as exigências da cientificidade.

Freud, por sua vez, estava sem condições pessoais e teóricas para analisar Jung. Personalidade unificada, mas defendida pela fuga para a sanidade, Freud não tinha acesso ao si-mesmo cindido de Jung. Além disso, a sua teoria das neuroses não podia dar conta dos fenômenos da personalidade cindida.⁴ Para defender o seu si-mesmo verdadeiro cindido, Jung tinha que mentir a Freud e, por fim, se separar dele. Uma eventual análise com Freud só poderia ter fracassado: ela “não teria possibilidades de ter levado à cura, ainda que pudesse ter levado a uma fuga da psicose para a sanidade ou para a psiconeurose” (Winnicott, 1989a, p. 487; tr. p. 369).

Essa resposta é baseada na teoria winnicottiana do amadurecimento e na sua experiência clínica. Winnicott lê Jung munido de “uma teoria precisa e detalhada do desenvolvimento emocional do bebê” e de “uma considerável experiência clínica de todos os diversos tipos de observação, direta e indireta, que constituem o estofo da prática da psiquiatria infantil” (1989a, p. 484; tr. p. 366). Como veremos a seguir, Winnicott usa a mesma teoria e a mesma experiência para analisar a estrutura da personalidade de Freud e os limites da sua capacidade de comunicação.⁵

As suas teses são enriquecidas pelos resultados da sua análise (primeiro com Strachey e depois com J. Rivière): “Nós próprios passamos por uma análise e temos de ser capazes de analisar também os nossos mestres” (1989a, p. 492; tr. p. 372). As limitações pessoais, isto é, as organizações de defesa de Jung e de Freud precisam ser analisadas, porque tiveram efeitos limitadores tanto sobre as clínicas e as teorias de cada um, como sobre os grupos de seus seguidores respectivos. Eles não podiam fazer a análise um do outro “pela própria natureza das coisas” (1989a, p. 492; tr. p. 372) “Nós podemos ver por que Freud não podia saber [sobre o inconsciente de Jung]”, contudo, “cabe a nós saber e entender até onde se pode com base nos fatos disponíveis” (p. 487; tr. pp. 368-369).

Também precisam ser considerados os resultados da autoanálise de Winnicott, assinalados, de forma discreta, ao longo da sua obra. Um deles diz respeito à maneira como Winnicott lidou com a sua incapacidade de “seguir quem quer que fosse, nem mesmo Freud” (1965b, p. 177; tr. p. 161).

⁴ Talvez não seja sem interesse notar que um caso posterior de psicose, o de Ferenczi, muito mais analisado na literatura psicanalítica que o de Jung, foi claramente enxergado por Freud, mas não reconhecido como problema anômalo – isto é, legítimo, mas insolúvel para a psicanálise –, e sim rejeitado fora do campo dos distúrbios a cargo da psicanálise, que resultam do inconsciente reprimido.

⁵ Cf. cartas n. 45 e 47 de O gesto espontâneo (Winnicott, 1987b/1990).

Numa carta de 1969, Winnicott se explicou: “Tive minhas lealdades iniciais a Freud, Melanie Klein e outros, mas, em última instância, a lealdade é para consigo mesmo, e isso deve ser verdadeiro para a maioria de meus colegas” (1987b, p. 194; tr. p. 168). Considero provável que essa lealdade de Winnicott para consigo mesmo, que implica a preservação da sua espontaneidade e a recusa de se submeter e de ser complacente, está na raiz da sua “dificuldade pessoal” de escrever, nos idos de 1950, um artigo em homenagem a Klein. Essa dificuldade, observa Winnicott numa carta dirigida diretamente a M. Klein, pode ser posta de lado como sendo apenas “a doença de Winnicott”. Contudo, quem a considerasse assim (foi precisamente o que M. Klein e J. Rivière fizeram), “perderia algo que, no fim das contas, é uma contribuição positiva”, a saber, a resistência ao “kleinismo”, que se tornou uma “barreira ao crescimento do pensamento científico” na BPS. Winnicott termina a carta dizendo: “Minha doença é algo com que posso lidar ao meu modo e que não está longe de ser a dificuldade inerente ao contato humano com a realidade externa” (1987b, p. 37; tr. p. 33).

Falando na qualidade de analisado, Winnicott dirá que a análise de Jung só poderia ser feita por aqueles que não foram envolvidos pelo si-mesmo dividido de Jung ou se recuperaram dele e da maneira como o próprio Jung falava de si; a análise de Freud, apenas por aqueles que se recuperaram da fuga para a sanidade de Freud e que estão a par dos desenvolvimentos recentes da teoria psicanalítica (Winnicott, 1989a, p. 483; tr. p. 366).

Essa combinação de perspectivas sobre as razões da separação entre Freud e Jung coloca Winnicott, de imediato, diante das seguintes tarefas:

- 1) fazer ver, com base em dados que se encontram na autobiografia de Jung, que ele sofreu uma cisão psicótica;
- 2) diagnosticar, na personalidade de Freud, a fuga para a sanidade como organização de defesa;
- 3) pôr às claras as consequências teóricas da falta de entendimento pessoal entre Freud e Jung: as linguagens, os métodos e os modos de teorização irreconciliáveis.

Elementos da resolução dessas tarefas encontram-se, como mostrarei a seguir (nas seções 4 a 7), na resenha, bem como em outros textos de Winnicott, de várias épocas. Mas Winnicott não fica por aí. Ele sustenta que Jung e Freud são “complementares” (1989a, p. 483; tr. p. 366). Ao examinar essa tese, farei ver que ela também é baseada na teoria winnicottiana do amadurecimento, implicando uma série de desenvolvimentos, que, como tais, não estão na resenha, nem mesmo em outros textos de Winnicott, mas que foram apontados por ele de modo direto ou indireto (ver seções 8 a 13).

4. O caso Jung

Mas, poder-se-ia perguntar, o que há de tão importante nesses três primeiros capítulos da autobiografia de Jung que contam as suas primeiras recordações? O fato de neles encontrarmos o “daimon” de Jung, “o homem que Jung tinha em si mesmo para ser, e, sendo assim, foi” (1989a, p. 483; tr. p. 365). A resposta de Winnicott, à primeira vista enigmática, consiste num diagnóstico baseado na sua teoria do amadurecimento emocional.

Apesar de Jung ter um potencial sadio, a constituição de um si-mesmo unitário na sua primeira infância foi perturbada pela depressão da mãe, perturbação parcialmente neutralizada pela qualidade maternal do pai. Aos três anos, Jung sofreu um colapso psicótico relacionado ao agravamento da doença da mãe e à subsequente separação (temporária) dos pais. Inicialmente, ele estabeleceu uma defesa temporária: um transtorno psicossomático – eczema generalizado que o fez dependente do pai, fenômeno interpretado por Winnicott como desintegração do si-mesmo na forma de despersonalização e como inversão do processo de amadurecimento pelo retorno à dependência, fazendo vir à tona a qualidade materna do pai. Aos quatro anos, Jung constitui sua organização defensiva principal: a descoberta, num sonho, de um mundo subterrâneo, sem contato com a realidade externa, habitado por um “falo ritual”, símbolo do “sopro da vida”, do impulso criativo, poderoso e ameaçador.

Dessa maneira, Jung conquista um tipo de independência. Em seguida, essa organização de defesa principal se estabeleceu como cisão rígida entre o si-mesmo verdadeiro secreto, avatar do falo ritual, e o falso si-mesmo público. Com base nessa organização defensiva, e a partir dela, Jung forjará a obra da sua vida; ao mesmo tempo, ele tentará curar sua cisão em virtude da tendência permanente à integração (p. 483; tr. p. 366). Esse processo de autocura terá o seu ponto culminante no trabalho que resultou na sua autobiografia, na qual o si-mesmo verdadeiro deixou de ser secreto e o falso se tornou inútil.

A autobiografia de Jung apresenta, conclui Winnicott, um quadro claramente caracterizado da *esquizofrenia infantil* e, ao mesmo tempo, revela uma força de personalidade que o capacitou a curar a si mesmo – isto é, a chegar o mais próximo possível de uma autocura da esquizofrenia infantil, mesmo que essa autocura não tenha podido eliminar por completo os traços de retraimento, não podendo ser vista como idêntica a uma resolução por meio de análise.

Winnicott se apressa a enfatizar que, ao fazer esse diagnóstico, ele não está “depreciando” Jung, nem “sujando” a sua “personalidade ou o caráter”. Ao afirmar “que Jung era louco e se recuperou, não estou dizendo nada pior”, observa Winnicott, “do que faria se dissesse de mim mesmo

que era sadio e que, mediante análise e a autoanálise, alcancei uma certa medida de insanidade” (1989a, p. 483; tr. p. 366). É precisamente essa medida de insanidade contida na sua personalidade sadia que lhe permitirá, por um lado, ver quem era Jung e, por outro, reconhecer, na fuga para a sanidade de Freud, um sintoma, e também criticar a ortodoxia psicanalítica, inclusive as construções forjadas por Freud com base nessa organização de defesa.⁶

5. A fuga para sanidade de Freud

O caso Jung é interessante em si, como fonte excepcionalmente rica de material sobre a cisão psicótica. Ele é importante também por mostrar que Freud, durante todos os anos de amizade e mesmo na sua breve análise de Jung, tentada durante a viagem de navio para os EUA, que ambos fizeram em 1909, não se deu conta da cisão na personalidade de Jung, nem da organização defensiva que incluía essa cisão, nem teve qualquer noção de sua capacidade de autocura. O distúrbio de Jung, originado e configurado nas fases anteriores à do EU SOU, não podia ser visto nem compreendido por Freud. Jung “não podia ter feito análise com Freud porque, na realidade, Freud não podia ter feito esta análise” (1989a, p. 484; tr. p. 366).

Na resenha que fez do volume *Letters of Sigmund Freud*, de 1962, Winnicott se mostra interessado, tal como fará em relação a Jung em 1964, em conhecer Freud como ser humano e usa a própria teoria do amadurecimento como base de uma reflexão sobre a constituição do EU SOU de Freud. Depois de evocar a dupla lealdade de Freud, para com a ciência e com a sua mulher Martha, bem como a sua dependência de vários círculos de amigos predominantemente judeus, Winnicott escreve:

Dessa maneira, obtemos das cartas o retrato de um homem a estabelecer o fato pessoal: *Eu sou*, e certamente é esta a razão para as ansiedades que são frouxamente chamadas de paranoides e que levam à necessidade que um homem tem de conseguir um círculo de amigos, tanto como defesa contra os outros que estão jogando o jogo-da-vida, “Eu sou o rei do castelo”, quanto, de maneira positiva, como um grupo de pessoas que é seguro amar. (1989a, pp. 475-476; p. tr. p. 360)

A qualidade tipicamente winnicottiana dessa apreciação salta aos olhos. Isso se vê também do que Winnicott diz na sequência: tendo conseguido resolver a tarefa de formar um castelo defensivo em torno de si, semelhante ao círculo que a mãe estabelece em torno de um recém-nascido, segurado

⁶ Um estudo mais detalhado do caso Jung é apresentado em Loparic, 2013. Uma breve, mas útil, resenha de estudos anteriores do caso é feita em Sedgwick, 2010.

no tempo com a ajuda de amigos e, em especial, pelos cuidados altamente gratificantes de Martha, Freud tinha condições de se envolver na luta científica pela verdade científica, lançando contra as defesas das mentes tradicionais seus “encouraçados de guerra tais como o Inconsciente Dinâmico, a Sexualidade Infantil, o Complexo de Édipo, a Realidade Psíquica e muitos outros” (1989a, p. 476; tr. p. 360). O próprio Freud reconhece que, nessa guerra, ele se mostrou irresponsável, que o seu coração permaneceu o de uma criança e confessa pensar que “o incompadecimento e a autoconfiança arrogante constituem a condição indispensável para aquilo que, quando alcançado com êxito, nos impressiona como grandeza” (p. 477; tr. p. 361). Winnicott termina essa resenha dizendo acreditar que Freud foi grande na sua obra e também como personalidade.

Em 1964, ao contrastar a personalidade de Jung e de Freud, Winnicott anotarà que Freud pagou um preço alto pela sua grandeza: a fim de poder forjar uma teoria das neuroses de modo independente, “com a aplicação de princípios científicos ao estudo da natureza humana”, Freud “tinha necessidade de deixar de lado a área de insanidade”. Mais precisamente, ele não levou em conta, nem podia levar, o fato de que a vida no castelo do rei do castelo e, antes deste, no círculo que uma mãe erige ao redor do seu bebê contêm momentos de loucura, que se revezam com os da comunicação saudável. Freud passou a usar essas fortificações não apenas como parte da defesa contra os inimigos externos que jogam o jogo-da-vida, mas também contra o inimigo interno: a loucura, a ameaça de fragmentação, que habita todo homem sadio, que o torna dependente e o envolve no jogo-de-vida-e-morte. Para se garantir contra a insanidade e poder se dedicar apenas a perturbar, de modo desafiador e autoconfiante, as mentes conservadoras, Freud usou a sua saúde de indivíduo integrado, o seu EU SOU, como meio de vida (1989a, p. 483; tr. p. 366).

Já em 1945, Winnicott reconheceu na fuga para sanidade um sintoma:

No entanto, muito do que chamamos sanidade, é, de fato, um sintoma, o de estar carregando o medo ou a negação de loucura, o medo ou a negação da capacidade inata de todo indivíduo de estar não integrado, despersonalizado e de sentir que o mundo é irreal. A falta de sono em quantidade suficiente produz tais efeitos em qualquer pessoa. (1958a, p. 150; tr. p. 225)

O mesmo tema é abordado no seguinte texto, de 1967:

Precisamos lembrar agora que a fuga para a sanidade não é saúde. A saúde é tolerante com a doença; na verdade, a saúde tem muito a ganhar quando se mantém em contato com a doença em todos os seus aspectos, especialmente com aquela doença denominada esquizoide, e com a dependência. (Winnicott, 1986b, p. 32; tr. pp. 25-26)

O que se ganha com a tolerância e com a doença é a riqueza pessoal: nós seríamos pobres se fôssemos apenas sadios. Em 1943, Winnicott observou ainda:

O medo da loucura leva a uma fuga para um extremo de sanidade que constitui um passo falso em civilização; significa uma fuga para o lógico, para o consciente e para o facilmente planejado, e uma perda de contato com a integridade pessoal e com as profundezas ocultas da personalidade de cada pessoa. (1989a, p. 547; tr. p. 426)

Em 1970, Winnicott faz uma advertência, contudo: existe, sim, uma loucura permitida, que é a loucura no quadro de sanidade. Qualquer outra loucura é uma amolação, uma doença (1989a, p. 285).

Na resenha de 1964, Winnicott dá a entender que os muito comentados episódios de desmaio de Freud diante de Jung poderiam estar relacionados com a sua fuga para a sanidade. Talvez Winnicott tenha em mente a fragilidade dessa defesa perante a personalidade e as críticas de Jung. O primeiro episódio aconteceu em 1909, em Bremen, na companhia de Ferenczi, depois de uma discussão sobre cadáveres pré-históricos no norte da Alemanha. Ao se recuperar do colapso, Freud disse estar convicto de que Jung tinha desejos de morte em relação a ele.

O segundo se deu em 1912, durante o Congresso Psicanalítico em Munique. Numa conversação, foi dito que, por trás da extraordinária criação da religião monoteísta pelo faraó Amenophis IV (Ikhnaton), estava o complexo paterno. Jung ficou irritado e tentou argumentar que “Amenophis era uma pessoa criativa e profundamente religiosa, cujos atos não podiam ser explicados pelas resistências pessoais contra o seu pai” (1963, p. 157). Pelo contrário, prosseguiu Jung, Amenophis tinha a memória do seu pai em alta estima. Nesse momento, Freud desmaiou. Jung o pegou nos braços e Freud, impotente, olhou para Jung como se esse fosse o pai dele. Nos dois casos, observa Jung, a fantasia de assassinato do pai estava presente em Freud, acompanhada de convicção de que Jung tinha o desejo de matá-lo (1963, p. 157).

Numa data posterior, Jung sonhou que Freud era um “funcionário rabugento da monarquia austríaca imperial, um fantasma de um inspetor de alfândega já morto, mas que ainda vagava por aí”, e se perguntou se esse sonho depreciativo não estaria revelando o que motivou a insinuação de Freud, nos episódios de desmaio, de ser objeto de desejo de morte por parte de Jung, isto é, ameaçado de assassinato (1963, p. 164).

Winnicott se pergunta se esses famosos desmaios de Freud não poderiam ter um significado diferente daquele que lhes foi dado por Freud na sua fantasia de assassinato. Winnicott lembra que, aos 12 anos, portanto, já na adolescência, Jung esteve, de novo, próximo de um colapso e que o

sintoma eram os desmaios. Por trás dos desmaios de Jung, não estaria o medo de ser assassinado, mas “um impulso suicida e, por trás desse impulso ainda, loucura infantil (desintegração, despersonalização, inversão de processos de amadurecimento)” (1989a, p. 487; tr. p. 369). A favor dessa linha de interpretação dos desmaios de Jung, poder-se-ia invocar o comentário do próprio Jung sobre lembranças de “imagens fortes e mesmo esmagadoras” de várias quedas que sofreu ainda muito pequeno. Um desses episódios foi-lhe lembrado mais tarde pela sua mãe. Jung ia atravessando, com a empregada, a ponte das quedas poderosas do Reno, quando, de repente, caiu e uma das pernas dele escorregou sob o gradil. Jung escreve: “Estes fatos parecem indicar um impulso inconsciente para o suicídio ou uma forma de resistência fatal à vida no mundo” (1963, p. 9).

A conexão, apenas indicada por Winnicott, entre os desmaios de Freud e de Jung talvez possa ser estabelecida com base na sua afirmação, feita já em 1950, de que “o assassinato e o suicídio são fundamentalmente a mesma coisa” (1958a, p. 204; tr. p. 288). Ainda segundo Winnicott – estamos em 1963, aproximadamente –, a busca da não existência pessoal pelo suicídio pode ser interpretada como uma defesa sofisticada, cujo objetivo é evitar responsabilidade ou perseguição dirigida contra “o estágio de autoafirmação”; isto é, contra o estágio do EU SOU, no qual o indivíduo repudia tudo que não é EU e suscita hostilidade e perseguição – fase do processo de amadurecimento ilustrada, Winnicott não se cansa em repetir, pelo jogo infantil de “Eu sou o rei do castelo – você é o patife sujo” (cf. Winnicott, 1989a, p. 95; tr. p. 76). Nessa hipótese, os desmaios ocasionais de Freud revelariam um impulso suicida por trás do qual haveria uma tentativa de evitar a perseguição ao seu EU SOU afirmativo e, como vimos anteriormente, arrogante, isto é, uma tentativa de se ver livre, embora apenas momentaneamente, das consequências da sua fuga para a sanidade.⁷

É interessante notar que Jung fez um diagnóstico de Freud que não é sem paralelos com o de Winnicott. Jung vê na “monotonia das interpretações” de Freud, na sua compulsão a falar continuamente do sexo, o sintoma de “fuga inconsciente diante de si mesmo”, isto é, de distanciamento daquela parte do seu si-mesmo que o ameaçava e que talvez pudesse ser chamada de “mística” (1963, p. 152; tr. p. 187). Essa fuga teria feito com que Freud se tornasse um “neurótico”, pessoa que se contenta com “respostas incompletas ou erradas para as questões da vida” (1963, p. 140; tr. p. 174).

⁷ No presente contexto, convém lembrar a avaliação, feita por Ferenczi, da personalidade de Freud e dos efeitos desta sobre os pacientes de Freud: “A minha própria análise não pôde avançar o bastante em profundidade porque o meu analista (uma natureza narcisista, segundo sua própria confissão), com sua determinação firme de se manter em boa saúde e sua antipatia pelas fraquezas e pelas anomalias, não pôde acompanhar-me nessa profundidade e começou cedo demais com o ‘educativo’” (Ferenczi, 1990, p. 97).

6. Léxicos irreconciliáveis

Um primeiro conjunto de efeitos teóricos da falta de entendimento pessoal básico entre Freud e Jung diz respeito à linguagem usada pelos dois autores. Winnicott utiliza as palavras “inconsciente”, “ego” e “si-mesmo” para exemplificar a dificuldade, quando não a impossibilidade, de comunicação entre eles e, como veremos ainda no que segue, também entre os freudianos e os junguianos. Winnicott tenta mostrar que as divergências no significado atribuído a essas palavras se deviam a diferenças entre os domínios de aplicação: Freud as aplica ao que, em Winnicott, são as fases posteriores à constituição do EU SOU, enquanto Jung e os junguianos os referem às fases anteriores do processo de amadurecimento.

Por ser uma personalidade unitária, Freud tinha um lugar em si para conteúdos da vida consciente relacionados à instintualidade e reprimidos. Ele podia determinar com precisão o domínio de aplicação para a palavra “inconsciente”: conjunto de representações e afetos relacionados a movimentos instintuais, conteúdos que, inicialmente, faziam parte do fluxo da consciência na sua mente, mas que, por motivos de censura, que também operava nele, ficaram não acessíveis a Freud, isto é, à consciência dele.

Por outro lado, Jung, com personalidade cindida em duas, não tinha um lugar nem contato com algo como o inconsciente reprimido. Winnicott diz: “Não é possível conceber um inconsciente reprimido com uma mente cindida; ao invés disso, o que se encontra é a dissociação” (1989a, pp. 488-9; tr. p. 370). A autobiografia de Jung dá indicações de que ele fez várias tentativas (por exemplo, nas brincadeiras de construir e destruir coisas), todas malogradas, de se apossar da sua impulsividade. A exploração por parte de Jung do inconsciente coletivo teria uma função defensiva e faria parte da tentativa de lidar “com sua falta de contato com o que poderia agora ser chamado de o-inconsciente-segundo-Freud” (1989a, p. 488; tr. p. 369), isto é, com o fato de não ter acesso ao inconsciente reprimido da psicose, tampouco, ao inconsciente, que, na formulação de Freud, é a parte da psique muito próxima do funcionamento neurofisiológico (cf. p. 90; tr. p. 73).

O que Jung conseguiu foi o contato com a vida subjetiva, secreta, mas que só podia ser vivida num lugar habitado pelos mortos e em meio a “todas aquelas coisas que se passam em cavernas subterrâneas” (1989a, p. 90; tr. p. 73). Em outras palavras, Jung passou a ver o seu inconsciente como expresso na “mitologia do mundo, na qual há um conluio entre o indivíduo e as realidades psíquicas internas maternas.”⁸ Nesse contexto especial, o inconsciente significa que a integração do ego não é

⁸ v

capaz de abranger algo.⁹ O ego é imaturo demais para reunir todos os fenômenos dentro da área da onipotência pessoal” (1989a, p. 90; tr. p. 73). Acabou condenado, como vimos, ao retraimento, condição distinta de um resultado de análise exitosa.

O “ego” é o segundo exemplo comentado por Winnicott de palavras usadas em diferentes sentidos pelos freudianos e pelos junguianos. Winnicott faz notar que “ego” não é uma palavra do inglês, mas um “termo” técnico, isto é, um vocábulo criado para traduzir o termo “Ich”, que Freud usa na sua metapsicologia num sentido especulativo, como uma convenção de utilidade meramente heurística. Nos desenvolvimentos posteriores, essa convenção sofreu modificações, em particular, foi abandonada a ideia de Freud de o ego ser um desenvolvimento do id. Surgiu a psicologia do ego, disciplina que estuda “o amadurecimento em termos de evolução do ego, inclusive no sentido da integração e de uma capacidade de relacionar-se objetivamente e de associação psicossomática” (1989a, p. 490; tr. p. 371).¹⁰

Nada disso é considerado por Jung nos seus textos. Pior ainda, segundo Winnicott, Jung teria distorcido o significado do termo “ego” em Freud e, dessa forma, feito um desserviço ao pensamento claro e distinto.¹¹

A terceira palavra cujo uso causa dificuldade na comunicação é o “si-mesmo” (*self*). Não se trata de um termo, como “ego”, mas de uma palavra da linguagem comum, que tem seu próprio significado que nós não podemos mudar.¹² Winnicott admite ser possível que Jung contribuiu mais do que Freud para uma compreensão do que essa palavra significa ou possa significar. De fato, Jung passou a vida inteira buscando o centro do seu si-mesmo. Contudo, essa busca terminou fracassada, num “beco sem saída” tanto pessoal como teórico. Pessoalmente, Jung nunca conseguiu superar o retraimento e integrar a espontaneidade com a impulsividade. Ele buscou refúgio na mandala, círculo, que é uma “construção defensiva” e revela “uma fuga obsessiva da desintegração” (1989a, p. 491; tr. p. 371). Teoricamente, o seu conceito do centro do si-mesmo permaneceu relativamente inútil. Muito mais importante é o conceito de integração da espontaneidade com a destrutividade, do gesto espontâneo com o ataque.

⁹ Existem ainda, obviamente, outros sentidos de inconsciente em Jung, como, por exemplo, o inconsciente coletivo, entendido no sentido de abismo materno.

¹⁰ Na resenha de Jung aqui discutida, Winnicott anota que M. Fordham, num artigo de 1963, o fez reconhecer que ele mesmo cometia o erro de usar como sinônimos a palavra “si-mesmo” (*self*) da linguagem comum e o termo técnico “ego” de Freud.

¹¹ Veja a carta a Michael Fordham, de 1955, na qual Winnicott critica Jung por ter se afastado do uso freudiano do termo “ego” (1987b, p. 88; tr. p. 77).

¹² A respeito desse ponto, veja explicações esclarecedoras em Winnicott, 1989a, p. 467.

7. Métodos e modos de teorização irreconciliáveis

Chegamos, assim, ao segundo conjunto de diferenças teóricas entre Jung e Freud, as que concernem aos métodos e aos modos de teorização. Freud “estava lutando para estabelecer uma ciência que pudesse ser gradualmente expandida”. O que Freud nos deu foi um método, dirá Winnicott em 1967, “que podemos usar e não importa ao que ele nos conduz”, que, conforme o caso, pode nos obrigar a recomençar tudo de novo. “O ponto é que ele [o método de Freud] nos leva a coisas; trata-se de uma maneira objetiva de examinar as coisas e é [destinado] para pessoas que podem ir até algo sem ideias preconcebidas, o que em certo sentido, é ciência” (1989a, p. 574; tr. p. 437). A contribuição de Freud se baseia numa conquista só conseguida depois de uma grande batalha, que durou séculos, contra a “doutrinação por uma igreja, religião ou filosofia” (1996a, p. 236; tr. p. 206).

Jung, por outro lado, começou “sabendo” por um insight, mas esse seu saber ficou “prejudicado por sua própria necessidade de buscar um si-mesmo espontâneo e pessoal com o qual pudesse conhecer” (1989a, p. 483; tr. p. 366). No final da longa vida, Jung chegou ao centro do si-mesmo que, como vimos, se revelou um impasse não somente pessoal como também teórico. Nesse percurso, Jung se valeu da mitologia, da religião, da literatura, da alquimia e de outros recursos que não fazem parte da pesquisa científica (1996a, p. 236; tr. p. 206).

Em apoio a essa tese do caráter regressivo do modo de teorização de Jung, Winnicott poderia ter citado o trecho inicial do Prólogo da autobiografia de Jung:

Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. [...] A fim de descrever esse desenvolvimento, tal como se processou em mim, não posso servir-me da linguagem científica; não me posso experienciar como um problema científico. O que somos na nossa visão interna, e o que o homem parece ser *sub specie aeternitatis*, só pode ser expresso mediante mito. O mito é mais individual e expressa a vida mais precisamente do que o faz a ciência, que trabalha com conceitos referentes a médias, que são genéricos demais para poder dar conta da variedade subjetiva da vida de um indivíduo. (Jung, 1963, p. 3; tr. p. 31)

Um dos autorretratos míticos preferidos por Jung é a mandala, o círculo, que não é um conhecimento, mas, como vimos anteriormente, uma “construção defensiva”.

Apesar de ter publicado um grande número de trabalhos que chamou de científicos, Jung jamais deixou de se colocar acima da verdade e da falsidade. Por exemplo, no capítulo 10 da sua autobiografia, intitulado “Visões”, ele descreve “pensamentos” que se abateram sobre ele em 1944, por ocasião de um ataque cardíaco, e admite: “eu não tentava mais impor o meu próprio ponto de vista, mas submetia-me ao fluir dos pensamentos” (Jung, 1963, p. 297; tr. p. 345). Termina pela conclusão de que “devemos aceitar que os pensamentos se formem espontaneamente em nós como

uma parte de nossa própria realidade” (p. 298; tr. p. 345), sem os submeter a um juízo de valor. O juízo de valor concerne, em particular, à questão de saber se os pensamentos formados espontaneamente são verdadeiros ou falsos. Jung comenta:

As categorias do verdadeiro e do falso são, certamente, sempre presentes, mas por não serem obrigatórias, ficam em segundo plano. A presença de pensamentos é mais importante do que nosso ajuizamento subjetivo sobre eles. Os ajuizamentos, entretanto, tampouco devem ser suprimidos, pois também são pensamentos existentes que fazem parte da nossa totalidade. (Jung, 1963, p. 298; tr. p. 345)

O uso que Jung faz dessa postura epistemológica fica ilustrado pelo seu comentário a respeito das reflexões sobre a vida depois da morte, que se encontram no final da autobiografia. Jung escreve: “Eu não posso dizer se esses pensamentos são verdadeiros ou falsos, mas eu sei que eles estão aí e que podem ser enunciados, se eu não os reprimir por algum preconceito” (1963, p. 299). Da mesma forma, ele sempre insistiu em dizer que o inconsciente, que se manifesta por sonhos e semelhantes modos de revelações espontâneas e criativas (visões, mitos, religiões, textos literários), é uma fonte mais rica e segura de informações sobre nós mesmos que a mente consciente (1963, p. 316). A distinção racional entre sonho e realidade era vista como espúria. Desta forma, Jung se colocou, decididamente, contra os critérios mais elementares de cientificidade, fugindo, em particular, de valores epistemológicos claramente reconhecidos por Freud e reafirmados por Winnicott. De fato, Jung não critica apenas o racionalismo reducionista como “a doença do nosso tempo” (p. 300; cf. pp. 144 e 166), mas também a tarefa de distanciamento crítico do sonho e da fantasia, atribuída pelo iluminismo à razão e à ciência (1995, pp. 40 e 46).¹³

8. A tese de complementaridade: a teoria do amadurecimento de Winnicott como quadro de referência para a unificação da psicanálise freudiana com a psicologia analítica

Parece que estamos diante da constatação de quebra total de comunicação. Contudo, ao mesmo tempo em que enfatiza a oposição entre as estruturas de personalidades, as linguagens e as doutrinas de Freud e Jung, Winnicott propõe uma tese à primeira vista surpreendente: Jung e Freud se copertencem, eles são “complementares”, como “a cara e a coroa de uma mesma moeda” (1989a,

¹³ Uma tentativa interessante, mas, a meu ver, não conclusiva de reconciliar o Jung visionário com o racionalismo científico, encontra-se em Barreto, 2012.

p. 483; tr. p. 366). Que moeda é essa e quais são os seus dois lados? A resposta sugerida por Winnicott é baseada, mais uma vez, na sua teoria do amadurecimento.

A moeda é a natureza humana que se mostra no tempo, e os seus dois lados são, na verdade, dois tempos do processo de amadurecimento: o tempo das fases iniciais, nas quais são lançados os fundamentos da estrutura de personalidade – os componentes constituídos antes do estabelecimento do EU SOU unitário, durante o período em que pode surgir a insanidade psicótica – e o tempo das fases posteriores a essas conquistas maturacionais, em que ocorrem sintomas ou mesmo distúrbios neuróticos. Na sua teoria das neuroses, Freud focalizou cientificamente as fases do segundo tempo; Jung tratou, a sua maneira, das primeiras.

Agora, escreve Winnicott em 1964, meio século depois, emergiram novos aspectos da teoria psicanalítica que permitem entender o “daimon”, a força do destino tanto de Freud como de Jung. É verdade que Winnicott não se dedicou explicitamente a essa tarefa, sem dúvida gigantesca. Creio, contudo, que um número significativo de elaborações teóricas constitutivas do seu paradigma visa a preparar o caminho para uma futura *unificação* das contribuições desses dois pensadores.¹⁴

Por um lado, Winnicott tenta incluir e preservar tudo o que há de valioso nas contribuições desses dois autores. Por outro, submete a obra de ambos a uma revisão crítica rigorosa, baseada tanto no exame conceitual como nos fatos clínicos novos, incluindo os relativos às psicoses. Sendo assim, a psicanálise winnicottiana poderá ser vista não apenas como uma revolução na psicanálise freudiana, mas também como uma tentativa de unificação dessa disciplina com a psicologia analítica. Essa unificação, apenas esboçada, não é proposta como uma mera justaposição das doutrinas de Freud e Jung (e, quem sabe, também dos seus seguidores), nem, menos ainda, como um exercício de intertextualidade, uma colagem de caráter meramente literário, mas, antes, como uma superação da oposição conceitual que os separa, alcançada por uma reformulação prévia das ideias de cada um deles, elaborada e articulada numa *linguagem nova* e num *quadro teórico essencialmente novo*, revolucionário, das psicoterapias psicológicas não fisicalistas.

A teoria do amadurecimento deve permitir:

1) Reconhecer, nos casos de cisão, entre eles os da esquizofrenia infantil, como o de Jung, problemas legítimos insolúveis para a psicanálise freudiana (“anomalias”, na linguagem de Kuhn); 2) introduzir mudanças revolucionárias na psicanálise freudiana para que se possa resolver essas anomalias; 3) apontar as limitações da linguagem e do modo de teorização usados pela psicologia

¹⁴ Numerosos paralelos entre o pensamento de Winnicott e o de Jung foram assinalados por Michael Fordham (1963), um junguiano, amigo pessoal de Winnicott. Outras aproximações encontram-se em Mathers, 2002, Miller, 2002, Solomon, 1997 e Ulanov, 2002,. Referências mais recentes foram mencionadas em Sedgwick, 2010.

analítica para resolver o mesmo tipo de problemas (os da cisão); 4) dar caráter científico ao núcleo de verdade da psicologia analítica, traduzindo a parte válida dos resultados obtidos por Jung numa linguagem científica, substituindo a experiência do numinoso (divino) pelo método científico de investigação e abandonando, como procedimento interpretativo, o recurso ao mito, à religião, à literatura e à alquimia; 5) usar esses resultados como base para um projeto de unificação do campo da psicoterapia e para a reconstituição de instituições psicoterapêuticas. No que segue, farei um exame mais detalhado de cada um desses pontos.

9. Os casos de cisão (dissociação) como anomalias para a psicanálise freudiana e a necessidade de modificação desta mediante pesquisa revolucionária

Num texto publicado recentemente, escrito no final da sua vida, Winnicott pede uma *revolução na psicanálise* precisamente para poder dar um lugar na teoria psicanalítica e tratar clinicamente o fenômeno de cisão. Winnicott tem em vista a dissociação da personalidade, típica das psicoses, não apenas na personalidade, que caracteriza as depressões. Na página 1 desse escrito, ele diz:

Eu estou pleiteando uma espécie de revolução no nosso trabalho. Vamos reexaminar o que estamos fazendo. Pode ser que ao lidarmos com o inconsciente reprimido nós estejamos em conluio com o paciente e as defesas estabelecidas. O que se precisa de nós, pois o paciente não pode fazer o trabalho de autoanálise, é ver e testemunhar as partes que entram na composição do todo, um todo que não existe a não ser enquanto visto de fora. Com o tempo, talvez possamos chegar à conclusão que o fracasso frequente de muitas excelentes análises tem a ver com a dissociação, escondida no material que está claramente relacionado com a repressão, que acontece como uma defesa numa pessoa aparentemente inteira. (Abram, 2012, pp. 312-313)¹⁵

Na página 3, ele acrescenta:

Foi aqui que a minha experiência clínica foi capaz de me impulsionar para completar a análise de um homem que carregava consigo a vida inteira um si-mesmo de menina, mas que não sabia disso e nenhuma das suas dúzias de análises foi capaz de reconhecer [esse] fato vital. (Abram, 2012, p. 315)

¹⁵ Trata-se do trecho inicial do esboço de Winnicott escrito no final de 1970 ou no início de 1971, de um texto previsto para ser lido numa mesa do Congresso da IPA a ser realizado em julho de 1971, em Viena, mas do qual Winnicott não participou por ter morrido em janeiro daquele ano.

É muito provável que Winnicott esteja se referindo ao caso FM, descrito no capítulo 6 de *O brincar e a realidade*.

Além de suas limitações pessoais examinadas anteriormente, Freud não podia ter feito a análise das cisões também por motivos teóricos, pois, para tanto, ele precisaria ter tido o conhecimento de “aspectos da teoria psicanalítica que apenas agora, meio século depois, estão começando a emergir como um desenvolvimento da metapsicologia psicanalítica” (1989a, p. 484; tr. p. 366).

Quais aspectos Winnicott pode ter em mente? Certamente a teoria psicanalítica da esquizofrenia, elaborada, em grande parte, por ele próprio, com base na sua concepção dos distúrbios do processo de amadurecimento nas fases iniciais, que, estritamente falando, não é resultado de um modo de teorização especulativo do tipo metapsicológico favorecido por Freud – voltarei a esse ponto no que segue, mostrando que Winnicott recusa esse modo de construção de teorias. Sendo assim, a expressão winnicottiana “desenvolvimento da metapsicologia psicanalítica” precisa ser lida, no presente contexto, como fazendo referência, de modo genérico, ao progresso da parte teórica da psicanálise.

Não é sem interesse comparar a avaliação de Winnicott sobre as dificuldades teóricas de Freud em entender Jung com aquela feita pelo próprio Jung. Para Freud, entende Jung a sexualidade teria tido um sentido numinoso, isto é, religioso, inacessível ao intelecto, mais precisamente, o sentido de um espírito ctônico, que é a outra face de Deus, o seu lado escuro. Freud teria sido ameaçado por esse sentido da sexualidade e erigiu contra essa ameaça uma defesa, nas palavras de Jung: “um dique contra a maré preta de lama”, ao mesmo tempo pessoal – fuga de si mesmo, examinada anteriormente – e teórico. No plano teórico, esse dique era a teoria psicobiológica de Freud. Tudo o que não cabia no quadro dessa construção meramente racional era chamado de “ocultismo”. Por ocultismo, Freud entendia “praticamente tudo o que a filosofia e a religião, incluindo a ciência contemporânea de parapsicologia, têm aprendido sobre a alma” (1963, pp. 150-151; tr. p. 165).

Além disso, Freud apresentava a sua teoria da sexualidade como um dogma, como condição da colaboração entre ele e Jung (1963, p. 150). Dessa forma, diz Jung, Freud traiu o espírito científico que evocava a seu favor e se tornou vítima do único aspecto da vida humana que foi capaz de reconhecer. “Para mim”, escreve Jung, “a teoria da sexualidade é tão oculta, isto é, uma hipótese tão carente de prova quanto quaisquer outros pontos de vista especulativos” (p. 151). Ele entende que verdade científica – e nisso reside a limitação essencial desse tipo de verdade – é uma hipótese que “pode ser adequada por um momento”, mas que não pode ser preservada por todo tempo como uma

verdade fundamental (1963, p. 151). Para fugir da sua experiência do numinoso, Freud usava o seu intelecto, que transformava o fundamental em transitório. Desta forma, ele se condenou à unilateralidade, contra a qual não se podia fazer nada e que, aos olhos de Jung, fazia de Freud uma “figura trágica”, derrotada na luta com o seu “daimon” (1963, p. 153).

10. Mudanças revolucionárias do paradigma freudiano introduzidas por Winnicott

Em vários textos anteriores, escritos durante os últimos 17 anos, sugeri que, ao lado dos distúrbios de tendência antissocial, um dos principais motivos de Winnicott empreender sua pesquisa revolucionária foi precisamente a constatação de que o problema do tratamento da cisão psicótica era insolúvel para a psicanálise freudiana, tanto teórica como clinicamente.¹⁶ Por aparecer com frequência no material clínico comumente encontrado nas sessões da análise, esse problema devia ser tratado psicanaliticamente e não descartado, como queria Freud, do campo de problemas a cargo da psicanálise.¹⁷ O fracasso clínico do paradigma freudiano põe os psicanalistas diante da necessidade de promover várias mudanças revolucionárias, visando a fazer progredir a psicanálise, isto é, torná-la mais abrangente como teoria e mais eficiente como procedimento de cura e de pesquisa.

No presente contexto, evocarei apenas aquelas mudanças introduzidas por Winnicott que dizem respeito à sua tentativa de superar a oposição entre Freud e Jung:

1) Abandono da situação edípica como o principal modelo de situações-problema da psicanálise – como o *exemplar* da psicanálise, na linguagem de Kuhn –, bem como o reconhecimento do caráter decisivo para o desenvolvimento do indivíduo de estágios primitivos e de problemas do bebê no colo da mãe, anteriores aos relacionamentos triangulares familiares com base genital (o assim chamado “Édipo”).

2) Abandono da teoria freudiana da sexualidade como generalização-guia e a inclusão desta na teoria geral de amadurecimento.

¹⁶ Acredito que o mesmo pode ser dito das versões da psicanálise freudiana elaboradas por M. Klein, Bion e Lacan.

¹⁷ A versão revista dessa tese, enunciada, pela primeira vez, em Loparic, 1996 e retomada em Loparic, 2001, foi publicada em Loparic, 2012. Depois disso, foi objeto de uma série de trabalhos tanto meus como de outros membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW). Uma parte desse material encontra-se na coletânea editada por E. Oliveira Dias e Z. Loparic: Winnicott na Escola de São Paulo, São Paulo, DWW editorial, 2012, nas revistas *Natureza humana* e *Winnicott e-prints*, bem como nos downloads do site da SBPW. Fora do âmbito da SBPW, essa tese foi abraçada por vários autores, mais recentemente por Jan Abram, segundo a qual Winnicott, perto da sua morte, “foi capaz de articular algo que estava fazendo desde 1945 – uma revolução psicanalítica” (Abram, 2012, p. 313). Para justificar essa posição, Abram apoia-se no meu texto de 2012, mencionado acima, e em Th. S. Kuhn (1970).

3) Quanto ao *quadro operacional ontológico*, Winnicott não se orienta mais, nas suas pesquisas sobre a natureza humana, pelos três pontos de vista heurísticos especulativos de Freud – o tópico, o econômico e o dinâmico – e, em consequência disso, deixa de lado ou reescreve as teses correspondentes da metapsicologia freudiana: o aparelho psíquico, o fator quantitativo (“intensidades”) e as pulsões. Em efeito,

a) a estrutura básica do ser humano não é mais concebida em termos de um aparelho psíquico, composto do id, ego e superego, mas como uma *história* feita de conquistas maturacionais que, no essencial, realizam a necessidade de continuar sendo. Mesmo quando usa os termos pelos quais Freud descreve o aparelho, Winnicott lhe dá um sentido modificado. Para ele, não faz sentido, por exemplo, usar o termo “id” para falar de fenômenos “não cobertos, catalogados, experienciados e finalmente interpretados pelas funções do ego” (1965b, cap. 4). Não há um id antes do ego. O “ego” não é pensado como força sintetizadora mental (kantiana), mas como uma tendência do indivíduo a se constituir como uma unidade, como um EU SOU. Quanto ao superego, trata-se de relativizar a importância do superego mental, efeito da influência, da autoridade, externa parental e separado, cindido, do funcionamento psicossomático (1989a, p. 467), considerado um falso si-mesmo, “superego falso” (1965b, p. 20). O seu lugar precisa ser ocupado pelo superego pessoal, humano, assentado inicialmente no EU SOU e ampliado em EU SOU responsável e, posteriormente, no estágio de primeiras relações triangulares, facilitado, reforçado (diferente de imposto, importado) pelos pais atuais, percebidos ou mesmo concebidos, idealizados. Nessa época, o superego passa a ter traços “mentais”, mais não se torna cindido nem falso, a mente sendo um modo especial de funcionamento psicossomático sadio;¹⁸

b) o fator “econômico”, quantitativo, é explicitamente substituído pela tese de que a vida humana é impulsionada pela tendência à integração e que a interação com o ambiente tem, antes de tudo, o caráter de comunicação. Em particular, na teoria da etiologia dos distúrbios psíquicos, os traumas não são concebidos como gerados pela severidade, isto é, pela intensidade da intrusão, mas pelo seu caráter extemporâneo;

c) as especulações freudianas sobre as pulsões de vida e de morte são consideradas o maior erro de Freud (1987b, carta 26), o que implica a rejeição do ponto de vista dinâmico freudiano e do dualismo pulsional. No lugar das pulsões e de conflitos pulsionais, Winnicott coloca o impulso

¹⁸ Antes do surgimento do superego pessoal, existem no indivíduo elementos superegoicos sub-humanos (moralidade politeísta; núcleos de ego de Glover), que lhe impõem uma moralidade ferrenha (1965b, p. 101), usada inicialmente para o controle e padronização de impulsos institucionais e seus produtos (1965b, p. 19).

amoroso primitivo destrutivo, do qual surgem, como resultado do amadurecimento deste, os problemas da ambivalência.

4) No item da *metodologia*, ao construir teorias, Winnicott abraça, como vimos, o método científico de teorização praticado por Freud, contudo, sem permitir o recurso às especulações metapsicológicas. Na clínica, ele modifica o sentido da interpretação psicanalítica e introduz o manejo, procedimento em conflito frontal com a regra de abstinência de Freud.

5) Finalmente, o *valor* que, segundo Winnicott, deve presidir a atividade psicanalítica de resolução de problemas não é maximizar o prazer, objetivo do programa do princípio do prazer, mas contribuir para que os pacientes consigam levar uma vida que, mesmo sofrida, valha a pena ser vivida.

Esse conjunto de mudanças produzidas pela pesquisa revolucionária de Winnicott pode ser resumido dizendo que ele usou uma linguagem própria, cujo léxico e gramática não são apenas diferentes, mas irreconciliáveis com o da linguagem da psicanálise tradicional, para 1) formular novos problemas, teses, procedimentos e objetivos da psicanálise, e 2) reescrever partes da psicanálise freudiana. Winnicott tem plena consciência disso, pois, numa carta a Anna Freud, admite ter “um modo irritante de dizer as coisas em minha própria linguagem, em vez de aprender a usar os termos da metapsicologia psicanalítica” (1987b, carta 36).¹⁹

Sendo assim, Winnicott não coloca os psicanalistas apenas diante da tarefa de se haver com a linguagem dos junguianos, mas também com a sua própria. Se quiséssemos ser mais precisos e prudentes, teríamos de dizer que a linguagem de Winnicott muda de sentido segundo o estágio do processo de amadurecimento ao qual é aplicada, ou seja, que “a linguagem de uma parte [do processo de amadurecimento] é linguagem errada para a outra parte” (Winnicott, 1988, p. 34; tr. p. 52). A multiplicidade de dizeres contemplada por Winnicott não termina aí, pois, segundo ele, há “inúmeras coisas sutis” que caracterizam a natureza humana e que só podem ser postas em palavras adequadamente por poetas (1988, p. 70; tr. p. 4). Em certos casos, cabe acrescentar, por pacientes muito regredidos, “que retornam aos fenômenos muito primitivos e que, não obstante, podem verbalizar (quando sentem que podem fazer isso) sem insultar a delicadeza do que é pré-verbal, não verbalizado e não verbalizável a não ser, talvez, na poesia” (Winnicott, 1971a, p. 151; tr. p. 154).

Num artigo de 1965, Winnicott faz considerações que, num certo sentido, relativizam mais ainda a sua adesão ao método de Freud. Em cada um de nós existe um poeta e um cientista em potencial. Além da “verdade científica”, precisaríamos e procuramos, na vida, também a “verdade

¹⁹ Veja ainda, em Winnicott, 1987b, carta 32, dirigida a David Rapaport: “Eu sou uma daquelas pessoas que se sente compelida a trabalhar à sua própria maneira e a se expressar primeiro na sua própria linguagem [...]”.

poética”. A primeira é obtida passo a passo pela realização de projetos de pesquisa e permanece parcial. Mesmo assim, é a única sobre a qual podemos conseguir acordos racionais e a única que pode ser usada para elaborarmos e realizarmos planos para a nossa vida na sociedade. A segunda é obtida num *flash*, num *insight*, e abrange o ser humano, o mundo e a história humana no seu todo. Mesmo sem servir para fazer planos de vida, ela é a única que nos dá o sentimento profundo de segurança e satisfação (cf. Winnicott, 1986b, pp. 172-173; tr. p. 135).

Num escrito inédito no mesmo ano de 1965, depois de retomar a tese de que o pensamento lógico leva longo tempo e pode nunca chegar lá, enquanto o lampejo de intuição não demora e chega lá imediatamente, Winnicott acrescenta que, até mesmo a ciência, peça centra da civilização ocidental,

precisa de ambas estas maneiras [de pensar] para progredir. Aqui estamos nós buscando palavras, pensando e tentando ser lógicos, e incluindo um estudo do inconsciente que permite uma imensa ampliação do raio de alcance da lógica. Ao mesmo tempo, porém, precisamos ser capazes de buscar símbolos e criar imaginativamente e em linguagem pré-verbal; precisamos ser capazes de pensar alucinatoriamente. (1989a, p. 157; tr. p. 123)

Há boas razões de acreditar que Winnicott esteja aqui retomando, à maneira dele, a tese de Jung de que existem dois modos de pensar, um lógico, verbal e dirigido à realidade externa percebida, e um outro, que consiste em sonhar e fantasiar com apoio na instintualidade arcaica (cf. Jung, 1995, cap. II).

11. Crítica da linguagem e do modo de teorização da psicologia analítica

A impossibilidade de comunicação entre Freud e Jung foi herdada pelos grupos de psicoterapeutas que seguiram cada um deles. As diferenças entre a linguagem de um e a de outro foram perpetuadas e mesmo aprofundadas pelos profissionais de ambas as vertentes. Winnicott constata: “Não podemos deixar de notar que quando nos encontramos para examinar a natureza humana tendemos [nós, freudianos e junguianos] a utilizar os mesmos termos, com significados que não são apenas diferentes uns dos outros, mas que parecem irreconciliáveis” (Winnicott, 1989a, p. 488; tr. p. 369; o *itálico* é meu).

Winnicott expressou, em várias oportunidades, a sua dificuldade em entender o que dizem os junguianos. Ao discutir, durante um simpósio realizado em 1959, na BPS, o conceito de contratransferência, ele se distanciou, de modo claro, da tese, atribuída a Jung por Michael Fordham, de que a transferência não é um produto da técnica psicanalítica, mas “um fenômeno geral

transpessoal ou social” (1965b/1965, p.158; tr. p. 149). Depois de observar que não entende o que significa o termo “transpessoal” dos junguianos, Winnicott explicou que a transferência não é apenas uma questão de relacionamento, mas um modo pelo qual “um fenômeno altamente subjetivo aparece repetidamente na análise”, consistindo em “propiciar condições para o desenvolvimento desses fenômenos” (1965b, p. 158; tr. p. 149). Na sequência, ele relaciona outros termos de Jung que diz não saber usar:

A propósito, permitam-me lembrar ao Dr. Fordham que alguns dos termos que ele usa não têm nenhum valor para mim, por pertencerem ao jargão da conversação junguiana. Em contrapartida, ele pode me dizer quais das minhas palavras são inúteis para ele. Eu me refiro a: transpessoal, inconsciente transpessoal, ideal transpessoal analítico, arquetípico, componentes contrassexuais da psique, ânimo e alma, conjunção ânimo-ânlma. (1965b, p. 159; tr. p. 146)²⁰

Winnicott tira a conclusão inevitável: “É impossível comunicar-se comigo nessa linguagem. Para alguns nesta sala estas palavras são caseiras e, para o resto dos presentes, elas não têm sentido preciso” (1965b, p. 159; tr. p. 146). Há, decerto, termos que são usados, nos dois campos, mas em sentido diferentes: “Devemos também ter cuidado”, escreve Winnicott, antecipando o que dirá de novo na resenha, “com as palavras que são usadas de modo diferente por vários grupos de profissionais: ego, inconsciente, ilusório, sintônico (reagir sintonicamente), análise etc.” (1965b, p. 159; tr. p. 146).

Da mesma forma, a expressão de Jung “personalidade n. 2”, que designa a sua personalidade introvertida, o si-mesmo defendido, sem contato com o mundo externo, mas vivido como real e verdadeiro, não pode ser vertida, na linguagem do paradigma winnicottiano, pela expressão “verdadeiro si-mesmo” (p. 488; tr. p. 371). A divisão entre introvertidos e extrovertidos será abandonada por Winnicott, em prol de uma teoria do espaço potencial, no qual o que é pessoal entra em contato com o objetivamente percebido, enriquece este e se apoia sobre ele assim modificado (Winnicott, 1971a, p. 127; tr. p. 150).

Quando aos procedimentos da psicologia analítica de Jung, muitos deles precisariam ser abandonados ou reavaliados, a saber: o significado e o uso de sonhos e visões, o inconsciente coletivo (já toquei nesse ponto), o uso dos mitos como protociência (Jung, 1963, pp. XI),²¹ o recurso às religiões (p. 200) e à alquimia (p. 202).²² Em particular, não é admissível – voltarei a esse ponto no

²⁰ A essa lista, poder-se-ia acrescentar outros termos junguianos, por exemplo, “individuação”, cujo significado é assunto de um texto póstumo de Winnicott, datado de 1970 (1989a, cap. 38).

²¹ Ver, ainda, Jung 1963, pp. 3, 72, 84, 144, 185, 192, 299, 304 e 322.

²² Sobre a recusa de Winnicott dos estudos da alquimia, cf. Winnicott, 1996a, p. 237; tr. p. 206.

que segue – comunicar-se com o paciente sem método algum, com base meramente na experiência do numinoso. A experiência de comunicação deverá ser guiada por uma compressão teórica formulada como uma hipótese de trabalho (*working theory*), não como um mito.

Winnicott reconhecerá, contudo, que Jung, mesmo sem seguir um projeto de pesquisa científico, fez uma descoberta essencial para todos os estudiosos da natureza humana: a de uma vida subjetiva vivida na forma de um retraimento, mas que, cabe acrescentar, não era meramente patológico, pois tinha algo de uma autocomunicação central sadia, e que dava acesso a uma área do existir humano permanentemente fora de contato com o instinto e o relacionamento objetal, a não ser com objetos subjetivos (o que não é relacionamento objetal propriamente falando, pois não implica a diferenciação entre o indivíduo e o objeto).²³

No seu famoso artigo sobre a comunicação e a falta de comunicação, Winnicott observa: “Estou expondo e ressaltando a importância da ideia de *isolamento permanente do indivíduo* e sustentando que no núcleo do indivíduo não há comunicação com o mundo não-eu, nem numa direção nem na oposta. Aqui a quietude está ligada ao silêncio” (1965b, pp. 189-190; tr. p. 172). A expressão “núcleo do indivíduo” refere-se ao centro do si-mesmo saudável e integrado na personalidade – aquilo que, em cada um de nós, é “permanentemente sem comunicação, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado”, e que precisa e deve ser defendido contra a comunicação²⁴ – e não deve ser confundida com “centro do si-mesmo” de Jung, que designa o si-mesmo de personalidade cindida e expressa, segundo Winnicott, um conceito relativamente inútil. Esse “incomunicado” *ante-cede*, *pre-cede*, como traço inerente e inalterável da natureza humana e como condição de possibilidade, toda comunicação e relacionamento, sendo, por isso mesmo, “sagrado” e “mais merecedor de ser preservado”, como tal, do que todo o resto que acabamos de ser e de ter uma vez acontecidos no mundo.²⁵

²³ A distinção entre o retraimento patológico e a autocomunicação central sadia foi feita por R. D. Lang; veja Winnicott, 1965b, p. 190.

²⁴ Sobre esse ponto, veja, ainda, Winnicott, 1965b, p. 187; tr. p. 170.

²⁵ A pre-cedência do núcleo do si-mesmo a todo relacionamento, inerente ao indivíduo, mas constantemente ameaçado pela comunicação que, para Winnicott, se constitui no pior dos pecados, pode ser vista como a versão winnicottiana da tese heideggeriana da transcendência, enunciada em *Ser e tempo*, que diz que o ser-o-aí no homem se transcende a si mesmo pela possibilidade inerente de não-mais-ser-o-aí e, portanto, não-mais-estar-aí. A diferença reside no fato de Winnicott pensar o além-ser a partir do passado, isto é, da origem, alcançável pacificamente, serenamente, por uma regressão extrema (Winnicott, 1988, p. 132; tr. p. 154), e Heidegger, de *Ser e tempo*, a partir do futuro, do fim, “aberto” para uma progressão extrema, um “precursar” antecipatório angustiado (parágrafo 53). Observa-se que o Heidegger tardio também passará a pensar a “transcendência” a partir da origem, de uma maneira que pode ser posta em paralelo com a concepção winnicottiana de ante-cedência ou pre-cedência, no homem, do nada (vazio, não relacionamento, quietude, não diferenciado, pura simplicidade, não dependência) ao ser (expectativas preenchidas, relacionamento ativo com o mundo e as coisas, diferenciação de relacionamentos, dependência). Esse tema é abordado em Loparic, 2007.

“Isso nos leva”, continua Winnicott, “aos escritos dos autores que foram reconhecidos como pensadores do mundo”. Entendo que pela expressão “pensadores do mundo” (*world's thinkers*) Winnicott se refere aqueles que pensam o mundo e o homem no seu todo, ou, como Winnicott diz, a “verdade poética”, holística, e não a “verdade científica”, sempre parcial.²⁶ Logo em seguida encontramos uma enfática homenagem a Jung: “Incidentalmente, quero me referir à revisão muito interessante de Michael Fordham do conceito de si-mesmo [the Self] como aparece nos trabalhos de Jung. Fordham escreve: ‘O fato geral permanece, que a experiência primordial acontece na solidão’” (Winnicott, 1965b, p. 190; tr. p. 174).

12. Elementos da psicologia analítica refeitos no quadro do paradigma winnicottiano

Winnicott não se limitou a criticar a linguagem e o modo de teorização de Jung e dos junguianos; ele ofereceu alternativas positivas nos dois casos. Num artigo decisivo do início da sua fase madura, “Desenvolvimento emocional primitivo”, de 1945, Winnicott “postula” a existência de um estágio em que “o objeto, ou o ambiente, é tanto parte do si-mesmo quanto o instinto que clama por este” (1958a, p. 155; tr. p. 231). Na nota de rodapé anexada, ele faz a seguinte observação complementar:

Trata-se de um ponto importante, tendo em vista o nosso relacionamento com a psicologia analítica de Jung. Nós [psicanalistas de linhagem freudiana] tentamos reduzir tudo ao instinto, e os psicólogos analíticos reduzem tudo a essa parte do si-mesmo primitivo, que se parece com um ambiente, mas que surge a partir do instinto (arquétipos). *Nós devemos modificar as nossas ideias a fim de abarcar os dois pontos de vista*, para podermos ver, desta forma, que (se isto for verdade), no estágio teoricamente mais primitivo, o si-mesmo tem o seu próprio ambiente, criado por ele mesmo, o qual é tanto o si-mesmo quanto os instintos que lhe dão origem. *É preciso estudar mais profundamente esta questão*. (1958a, p. 155; tr. p. 231; os itálicos são meus)

Nessa nota está formulada, possivelmente pela primeira vez num texto publicado por Winnicott, a tarefa de elaborar um quadro teórico ou, ainda, uma linguagem comum capaz de expressar o que há de essencial nas contribuições de Freud e Jung. Poderia surpreender o fato de Winnicott deixar esse assunto tão importante para uma nota de rodapé. Uma explicação possível é a

²⁶ Em outubro de 1970, poucos meses antes de morrer, Winnicott escreveu: “No entanto, como pensadores, não estamos exonerados de tentar uma abordagem holística” (1986b, p. 133; tr. p. 88).

seguinte: ele ainda não sabia como tratar dele no corpo do texto, ou seja, ainda não havia lugar para esse assunto no paradigma nascente de Winnicott.

Com efeito, a ideia de que o objeto ou, alternativamente, o ambiente são parte do si-mesmo ou, como Winnicott se expressa em outras ocasiões, do ego – que é, conforme vimos, uma das primeiras tarefas de unificação enunciada por Winnicott ainda em 1945 –, só receberá formulação madura na obra de Winnicott no final dos anos 1960, com o desenvolvimento da teoria da identificação primária, não baseada em instintos, e do tema do lugar em que vivemos criativamente, temos experiências culturais e passamos pelo processo de socialização sem sermos impulsionados pelos instintos, e que Winnicott chamará de espaço potencial. Em suma, o projeto de revisão da psicologia analítica só poderá ser realizado no quadro de uma teoria geral do desenvolvimento emocional de um indivíduo humano, que abranja tanto a área de insanidade, na qual o problema é a ameaça da aniquilação, como a da sanidade, na qual os problemas dizem respeito aos conflitos instintuais.

Essa revisão envolveria, entre outras tarefas, a de unificar, se não a totalidade, pelo menos partes significativas dos vocabulários dos freudianos e dos junguianos. Na obra de Winnicott, encontram-se vários exemplos desse exercício de criação de um *novo léxico* que permitisse a tradução da psicologia analítica para a linguagem da teoria do amadurecimento. Num texto de 1949, Winnicott retoma a tese de Phyllis Greenacre, segundo a qual Freud relacionou “a angústia com o nascimento por meio de um tipo de teoria do inconsciente coletivo” (1958a, p. 175; tr. p. 256). Winnicott acrescenta: “com o nascimento [entendido] como uma *experiência arquetípica*” (os itálicos são meus), explicando que está usando deliberadamente as expressões de Jung, pois parece que elas se aplicam à experiência do nascimento. Aqui está em curso a substituição de termos da linguagem de Jung por termos de uma linguagem alternativa, que já se encontram na parte não especulativa da psicanálise freudiana e que serão particularmente valorizados por Winnicott: o nascimento *não* é visto como a manifestação importante de um “arquetipo transcendente”, mas um *acontecimento somático experienciado por todos os seres humanos* e, por isso, arquetípico.

Já na sinopse para o livro *Natureza humana*, de 1954, encontramos mais uma aproximação de linguagens: “O falso si-mesmo: normal e anormal, o si-mesmo cuidador, a persona (cf. Jung)” (Winnicott, 1988, p. 166; tr. p. 188). Na resenha, Winnicott propõe a tradução da expressão junguiana “personalidade n. 1” – usada para designar a persona, a personalidade extrovertida, que está colada ao mundo externo de modo impessoal – pela expressão “falso si-mesmo” da sua linguagem (p. 488; tr. p. 369).

Uma postura semelhante – que consiste na recepção das teses de Jung seguida de sua modificação – é tomada por Winnicott no artigo “Posição depressiva no desenvolvimento emocional normal”, terminado em 1955, que trata da constituição do mundo interno na fase do concernimento. Esse processo acontece, em primeiro lugar, em virtude de experiências instintuais do tipo digestivo elaboradas imaginativamente, que são “fundamentais a todos os seres humanos em toda parte e sempre serão” (1958a, p. 273; tr. p. 368). Ele repousa, em segundo lugar, sobre materiais incorporados, retidos ou eliminados, o que implica a existência de um mundo interno ao corpo integrado pelo psiquismo, chamado por Freud, Jung e muitos outros, sob influência da filosofia moderna, de mundo interno.²⁷ Esses fenômenos são também similares entre os bebês onde quer que vivam, embora, decerto, os observadores possam encontrar diferenças nos costumes que prevalecem em determinada cultura em certa época. Em terceiro lugar, inclui os relacionamentos totais ou situações ambientais magicamente introjetadas e fatores pessoais projetados (1958a, p. 272; tr. p. 368).

O primeiro grupo de fenômenos, o de experiências instintuais satisfatórias, pode ser referido pela expressão “experiências arquetípicas” e proveitosamente relacionado ao trabalho de Jung e dos psicólogos analíticos sobre arquétipos:

O que acontece aqui pertence à humanidade como um todo, e propicia as bases de tudo aquilo que é *comum* aos sonhos, à arte, à religião e aos mitos do mundo, independentemente do tempo. É dessa matéria que é feita a natureza humana. (Winnicott, 1958a, p. 273; tr. p. 369)

Duas crianças, diz Winnicott num texto de 1968, podem “construir casas semelhantes por causa do denominador comum existente nos materiais de construção e também por causa dos elementos arquetípicos do sonhar” (1989a, p. 204; tr. p. 161). Os sonhos, a arte, a religião e os mitos do tipo junguiano são resultado da elaboração imaginativa das funções corpóreas, em particular, das do tipo digestivo, que possuem certos traços invariantes. Aqui o vínculo com Jung termina, pois Winnicott recorre à sua teoria do amadurecimento para dizer que esses invariantes estão presentes na natureza humana “somente nos casos em que o indivíduo alcançou a posição depressiva”, ou seja, quando já está estabelecida a divisão entre o interno e o externo, e não, como diz a teoria junguiana

²⁷ Observações relevantes de Winnicott sobre esse assunto encontram-se em Winnicott, 1965b, p. 24; tr. p. 27, e 1971a, p. 122; tr. p. 145

do inconsciente coletivo, pois os seres humanos, em todos os tempos e lugares, seriam constituídos pelas mensagens vindas do além-mundo.²⁸

Na resenha, encontramos outras reinterpretações de Jung. A fim de se defender da depressão materna, Jung teria feito uso de diferentes mulheres e “uma dessas mulheres constituiu a base para a sua concepção de sua própria anima” (1989a, p. tr. p. 367). Winnicott prossegue: “(Para mim, a anima é aquela parte de qualquer homem que pudesse dizer: ‘Sempre soube que era uma mulher’)” (1989a, p. tr. p. 367). No mesmo estilo de releitura, Winnicott observa: “(para mim), seu [de Jung] conceito de inconsciente coletivo fez parte da sua tentativa de lidar com sua falta de contato com o que poderia agora ser chamado de o-inconsciente-segundo-Freud” (1989a, p. 488; tr. p. 369). Ou ainda: “a mandala, do meu ponto de vista, é construção defensiva, uma defesa contra aquela espontaneidade que tem a destrutividade como seu vizinho de porta” (1989a, p. 491; tr. p. 371).²⁹

Winnicott não opta pela linguagem de Freud como sendo a única, nem considera que a sua própria pode dizer tudo. Na palestra já mencionada para a Associação de Psicologia e Psiquiatria Infantil, de 1967, ele recomenda o uso, ao lado de seus termos *unintegration e desintegration*, do termo *deintegration* de M. Fordham, por entender que ele tem “valor na descrição da ideia de anulação da integração, como na cisão como defesa” (1996a, p. 237; tr. p. 207).³⁰

Ainda na resenha, Winnicott ressalta, no mesmo espírito, a importância dos dois conceitos de inconsciente, o freudiano e o junguiano. Os estudiosos de natureza humana perderiam algo essencial se sacrificassem o inconsciente reprimido de Freud. Ao mesmo tempo, eles ganhariam muito ao aprenderem a apreciar o inconsciente tal como descrito por Jung:

Se o significado especial de Jung para a palavra “inconsciente” for *entendido e mantido separado* dos vários empregos que Freud deu ao termo, é então possível ao psicanalista *unir-se* àqueles que, muito numerosos, encontram nos textos de Jung uma contribuição tremenda para o estudo das pessoas e para a correlação de fatos coletados de toda parte. Mas [vale lembrar que] o psicanalista sacrificaria valores essenciais se abandonasse os variados sentidos de Freud para a palavra “inconsciente”, inclusive o conceito do inconsciente reprimido. Não é possível [, contudo,] conceber um inconsciente reprimido com uma mente cindida; ao invés disso, o que se encontra é a dissociação. (1989a, pp. 488-9; tr. p. 370; os itálicos são meus)

Nesse trecho, temos indicada a chave do procedimento que Winnicott usa para avançar na tentativa de estabelecer, se não a união, pelo menos a comunicação entre os freudianos e os

²⁸ Sobre sonhos do tipo junguiano e freudiano, cf. Winnicott, 1958a, p. 96; tr. p. 162. Nos dois casos, trata-se de sonhos que não são pessoais, criativos (cf. 1989a, p. 204; tr. p. 161).

²⁹ Apontamentos que abordam esses mesmos assuntos e vão na mesma direção encontram-se em Sedgwick, 2010.

³⁰ Sobre o significado do termo “deintegration” em Fordham, veja Fordham, 1969, p. 113.

junguianos: a) tentar entender o significado específico de termos usados por cada autor ou grupo, b) não misturar os sentidos e empregos distintos, c) fazer isso identificando o domínio de aplicação de cada palavra no processo de amadurecimento ou nos distúrbios desse processo.

Quanto ao modo de teorização, Winnicott jamais deixará de pedir o “exame objetivo” dos dados relativos à natureza humana que considera incompatível com o recurso ao mito, à religião etc. Tampouco aceitará a crítica de que Freud traiu a ciência e elevou a sua teoria da sexualidade a um dogma. Ao lado de hipóteses “adequadas apenas para um momento”, isto é, à espera de serem testadas – o único tipo de hipóteses científicas que parece ter sido considerado por Jung –, Winnicott admitirá, com Freud, a necessidade de “hipóteses de trabalho”, cuja “adequação” não é momentânea, nem é objeto de testes diretos, mas advém da sua fertilidade, do fato de serem úteis como guias na pesquisa científica que visa à produção de hipóteses, estas sim, pelo menos em princípio, diretamente testáveis por confrontação com os fatos num processo que nunca chega a um resultado final.³¹

Aos resultados das organizações defensivas de Jung que revelariam o todo do ser humano, o núcleo do si-mesmo e o sentido profundo da vida, podemos preferir, observa Winnicott,

os tateios de Freud e [mesmo] o seu fracasso gradual em finalizar qualquer coisa, exceto que ele pôs em movimento um processo, que nós – e todas as gerações futuras – podemos utilizar para a terapia, que é uma pesquisa da natureza do homem, e para a pesquisa, que é uma terapia do homem. (Winnicott, 1989, p. 483; tr. p. 366)

Contudo, Winnicott assinala, como vimos, que o cientista precisa poder alucinar, falar como um louco na clínica, relacionar-se com os pacientes, quando necessário, em formas pré-verbais e tirar lições teóricas de efeitos terapêuticos desse modo de falar e de se portar.³²

Winnicott procede como Freud ao estudar o inconsciente cindido dos psicóticos. Ao mesmo tempo, ele faz uma concessão a Jung: para entrar em contato com pessoas cindidas, precisamos ser capazes de usar símbolos e nos comunicar em linguagem pré-verbal, mas sempre com base na experiência efetiva clínica ou do cotidiano, sem ceder à tentação de atribuir, a essa experiência, sentidos retirados do pensamento não científico – em particular, o caráter de manifestação do divino no humano – e de proceder sem método algum, guiados unicamente, como aconselha Jung, pela experiência do numinoso.

³¹ Sobre esse ponto, no qual Jung, leitor de Freud, se aproxima de Popper, enquanto Winnicott e Freud parecem tomar o lado de Kuhn, veja Winnicott, 1989a, p. 194; tr. p. 152. Para uma leitura kuhniana de Freud, cf. Loparic, 1985.

³² O exemplo clássico de uma fala “louca” de Winnicott é dado no caso FM (Winnicott, 1989a, cap. 28).

13. Possíveis consequências institucionais

Interessando em compreender, integrar e mesmo desenvolver a contribuição de Jung, Winnicott mantinha contatos com alguns junguianos, por exemplo, com Michael Fordham. Ele se posicionou, repetidas vezes, sobre o relacionamento entre o grupo dos junguianos e o dos freudianos. Numa carta de 1950, dirigida a Otto W. S. Fitzgerald, que lhe havia solicitado sugestões para reunir, na Grã Bretanha, psiquiatras, psicoterapeutas e psicanalistas, tal como acontecia nos EUA, Winnicott observa que seria uma “perda de tempo ficar sentado planejando comitês para a organização de algum tipo de ensino que fosse um meio-termo entre aquilo que costumamos chamar de várias escolas de pensamento” (1987b, p. 19; tr. p. 18). Mesmo assim, ele prevê a possibilidade de uma unificação dessas várias escolas e atribui essa tarefa ao *grupo dos psicanalistas* que, pensando no futuro, “deverá finalmente incluir o que há de bom em todos os outros grupos” (1987b, p. 19; tr. p. 18).

Por que essa posição privilegiada concedida ao grupo psicanalítico? Winnicott argumenta dizendo reear que nenhum outro grupo de psicoterapeutas tenha capacidade para se desenvolver do modo a incluir todos os outros, em particular, para absorver o grupo freudiano. A única exceção seriam, talvez, os junguianos. Contudo, na opinião pessoal de Winnicott, a comunidade dos junguianos não tem uma base doutrinal comum suficientemente bem estruturada para impedir a entrada de psicoterapeutas que, apesar de talentosos e até mesmo brilhantes, carecem da experiência de “disciplina psiquiátrica” (p. 20; tr. p. 18). Tais membros – esse é o pensamento subjacente à reserva de Winnicott em relação ao junguianos – tornariam impossível o trabalho coletivo numa eventual sociedade unificada de terapia psicológica de cunho científico.

Winnicott defende uma tese parecida sobre a sociedade dos junguianos em uma carta a Oliver H. Lowry, de 1956, que trata da proposta de uma cátedra de psiquiatria infantil. Winnicott escreve: “Em minha opinião, deveríamos procurar [formar] um pediatra que tenha recebido um treinamento pediátrico reconhecido, ao qual se acrescentaria um treinamento psicanalítico reconhecido” (1987b, p. 101; tr. p. 88), ou seja, aquele que tem o aval da BPS (e, portanto, da IPA). Ele acrescenta um porém:

Se for levantada essa questão no país, haverá protestos da parte dos junguianos, dentre os quais há alguns profissionais destacados. E também da parte de alguns dos ecléticos. Acho que você concordará comigo, entretanto, que devemos apresentar a exigência da formação psicanalítica, a qual, de qualquer modo, neste país, é bem melhor do que qualquer outro programa de formação comparável. (1987b, p. 101; tr. p. 88)

Como se vê, além de se posicionar do lado dos “freudianos”, Winnicott reafirma a sua filiação à BPS também em termos sociológicos, mostrando-se confiante de que os psicanalistas reunidos na BPS são um “grupo científico consolidado” (1987b, p. 19; tr. p. 17), com a capacidade de desenvolver e, caso necessário, ampliar e mesmo mudar a psicanálise freudiana e basear nela, devidamente refeita, um esquema sólido de ensino, aberto para futuros desenvolvimentos.

14. Tarefa impossível?

Conforme foi visto, o estabelecimento de termos de acordo entre a psicanálise e a psicologia analítica, vislumbrado e talvez mesmo almejado por Winnicott, não poderá ser realizado como uma simples justaposição ou por um exercício de intertextualidade entre a psicanálise freudiana e a psicologia de Jung. Exige-se, sobretudo, a superação das limitações teóricas de cada uma dessas disciplinas. As condições mínimas para o êxito são as seguintes:

1) transformação do paradigma instintual de Freud em uma parte do paradigma mais amplo que pudesse acomodar os *insights* decisivos de Jung; 2) reelaboração do “saber” junguiano na forma de uma teoria científica, e 3) inserção dos resultados dos dois primeiros passos num único quadro teórico, do qual faria parte a teoria winnicottiana do amadurecimento.

Winnicott jamais tentou realizar esse programa. Ele nem ao menos explicitou o que está antecipado, ainda que de uma forma bastante vaga e apenas indicativa, na sua resenha de Jung. Talvez porque não tinha ilusões quanto às dificuldades de realização da tarefa de unificação doutrinal e institucional do campo da psicoterapia. No discurso já mencionado diante da Associação de Psicologia e Psiquiatria Infantil, composta de membros de diferentes áreas (psicanalistas, junguianos, psiquiatras, educadores, assistentes sociais etc.), ele se pergunta se uma associação desse tipo poderá ter uma “identidade” de grupo, algo que “a faça ser e mantenha a continuidade da sua existência” (1996a, p. 235). Preocupava-se com a formação e a estabilidade de grupos de psicoterapeutas, isto é, com a possibilidade de se elaborar um programa diretor para essa associação, levando em conta os antagonismos potenciais que ela continha “embaixo da sua pele”. E comenta:

Eu me preocupo com tudo o que age contra a coesão. Às vezes, parece um milagre um grupo afirmar que é um grupo. Se existe desconfiança mútua, vamos examinar a desconfiança mútua. Temos de correr o risco de desintegração, ao examinar a nós mesmos. Mas se não assumirmos esse risco, estaremos ligados pelo medo da desunião, que é um fator de negação. (1996a, pp. 237-238; tr. p. 207)

Não sei o que poderiam pensar os junguianos da proposta de Winnicott de se chegar a um acordo entre a psicanálise e a psicologia analítica. Os que estão familiarizados com o uso de Winnicott por parte de M. Fordham poderiam talvez ter alguma simpatia com a proposta.³³ Mas posso dizer, com bastante certeza, que ela não é aceitável, sem mais nem menos, para os psicanalistas. Os freudianos dificilmente aceitariam as mudanças no paradigma original freudiano introduzidas por Winnicott e elencadas anteriormente. Os kleinianos não poderão participar do acerto enquanto continuarem a trabalhar com o Édipo precoce, com as pulsões de vida e de morte e com a suposição da existência de processos mentais sofisticados nos bebês recém-nascidos.

Lacan não poderá aderir, por várias razões, entre elas, por excluir da psicanálise as relações objetais duais e as relações ambientais, traço central do exemplar winnicottiano, insistir sobre o caráter essencial das relações triangulares e considerar que o ser humano, o “sujeito”, é constituído de fora para dentro, pela imagem e pelo símbolo, isto é, pelo outro, e não pelo seu próprio gesto criador, facilitado, mas não produzido, pela provisão ambiental.

Por outro lado, as cartas de Winnicott revelam que a sua confiança na postura científica dos psicanalistas da BPS nunca foi muito forte. Ele jamais aceitou a divisão oficial da BPS em kleinianos e annafreudianos, que refletia, como bem observa Roudinesco, a incompatibilidade total entre as leituras de Freud praticadas por esses grupos e, embora evitasse cisão, condenava a BPS à esterilidade intelectual (Roudinesco, 1993, p. 262). Em 1954, Winnicott dirigiu uma carta a Anna Freud e M. Klein na qual fez um pedido veemente pela abolição de dois grupos em nome da “causa da ciência” (1987b, carta 43). Ambas rejeitaram a proposta. A esperança de Winnicott de ver a BPS funcionar como uma sociedade científica foi progressivamente abalada com o decorrer do tempo, em particular, devido às reações dos kleinianos diante das suas próprias contribuições, que começavam a aparecer com força precisamente no final dos anos 1950. A caracterização de Winnicott na breve biografia escrita por Pearl King mostra bem o ambiente que cercava Winnicott na BPS. Segundo King, nos anos 1930, Winnicott era considerado um kleiniano. Nos anos 1940, Klein e Winnicott começaram a ter problemas, por ele ser “um individualista” e não aceitar de “submeter, com a devida antecedência, suas contribuições a ela e ao grupo dela para serem inspecionadas”.³⁴ Isso se fazia necessário, visto que Winnicott estava cometendo uma quantidade de “erros crassos”. Nos anos 1950, Winnicott já não era mais considerado como kleiniano, mas “independente”, embora, anota King, odiasse ser rotulado por quem que seja (King & Steiner, 1991, p. XXIV). Mas isso não é o pior. Na mesma época, Klein

³³ O livro já citado de Michael Fordham (1969) apresenta claras aberturas para a teoria winnicottiana do amadurecimento.

³⁴ A minha expressão “para serem inspecionadas” traduz o verbo *to vet* de King, cujo significado original é “fazer o serviço de veterinário”, “examinar assim como faz um veterinário”.

e Rivière, não só negavam que a obra de Winnicott tivesse qualquer valor, como viam nela o resultado da doença dele (Grotstein, 1992, p. 14).³⁵

Os ataques continuaram, mesmo fora da Inglaterra. O artigo de Winnicott sobre o uso de objeto, hoje um clássico da literatura psicanalítica, apresentado em 1968 na *New York Psychoanalytic Society*, foi recebido pelos kleinianos locais com uma hostilidade violenta, fato que suscitou o seguinte comentário de M. Little: “O efeito foi extremamente nocivo, e persiste em certas áreas até hoje. A hostilidade ainda continuará durante muito tempo, até que um número maior de pessoas compreenda a sua intenção [...]” (1992, p. 111)

Uma prova adicional de que Winnicott tinha perfeita consciência das dificuldades em conseguir o reconhecimento do valor de suas ideias está na queixa amarga relativa às resistências persistentes entre os psicanalistas em absorverem até mesmo uma das suas contribuições mais significativas (e mais badaladas), a teoria dos objetos e dos fenômenos transicionais. Em 1971, poucos dias antes de morrer, no prefácio de *O brincar e a realidade*, Winnicott escreve:

Quando volto o olhar para a última década, fico cada vez mais impressionado pela maneira como essa área de conceitualização tem sido negligenciada não só na conversação analítica, que está sempre se efetuando entre os próprios analistas, como também na literatura especializada. (Winnicott, 1971a, p. XI; tr. p. 9)³⁶

Mesmo assim, creio que ao fazer, poucos dias antes de morrer, a chamada por uma revolução na psicanálise, mencionada anteriormente, Winnicott, certamente cansado e doente, não fazia um grito de desesperançado. Ele tinha algumas boas razões de acreditar numa revolução que garantisse o futuro da psicanálise. Não apenas por ter fé no valor da sua própria obra, imensa, como pontapé inicial dessa revolução, mas também porque não estava completamente só. Penso nos seus

³⁵ Infelizmente, esse não é nem de longe o único caso de uso do diagnóstico psicanalítico para fins políticos. Na mesma época, Ernest Jones, ao escrever a sua biografia de Freud, atribui a Ferenczi “inclinações psicóticas latentes”, que se teriam revelado, entre outras maneiras, “por um afastamento de Freud e de suas doutrinas” (Dias, 2011, p. 266). O notável relato de M. Little sobre a sua análise com Winnicott – que põe a nu a ineficácia da psicanálise freudiana, centrada no complexo de Édipo, para o tratamento de estados regressivos relacionados à psicose, ao mesmo tempo que ilustra o poder terapêutico do manejo praticado por Winnicott –, texto recusado para publicação pelo *International Journal of Psychoanalysis*, mas em seguida editado pela Free Association Books, foi recentemente desqualificado mais uma vez, como peça na qual “a patologia espirra por toda parte” (Caldwell, 2007, p. 160).

³⁶ Entendo que tem sido de pouco consolo para Winnicott ter notícia, em 1960, do interesse de Lacan pelo seu conceito de objeto transicional (veja a carta de Lacan a Winnicott de agosto desse ano, *Natureza humana*, v. 7, n. 2, p. 474). As referências a esse conceito em *Écrits* (1966), se Winnicott as leu – uma que acopla de forma incisiva o conceito de objeto transicional ao conceito de fetiche e a outra que o insere na “dialética do desejo” – dificilmente lhe levantariam o ânimo. A notícia de que o mesmo conceito serviu de inspiração a Lacan para a introdução, no Seminário de 1962/63, na época ainda não publicado, do conceito de objeto pequeno a, só pioraria as coisas, pois Lacan se serve de argumentação totalmente alheia às ideias de Winnicott.

contemporâneos que acreditaram nele e o apreciaram, entre eles S. Isaacs, John Rickman, Marion Milner, Margeret Little, Masud Khan, Michael Fordham e Harry Guntrip.

Michael Balint, sucessor de Winnicott na presidência da BPS (1968 a 1970), merece um destaque especial. Rotulado de independente, Balint foi usado, como vários outros “independentes”, Winnicott no meio, para ocupar cargos e funções oficiais, a fim de amenizar conflitos entre os kleinianos e os annafreudianos internos à BPS ou mesmo externos, que envolviam a IPA.³⁷ Há outro paralelo entre os dois: assim como Winnicott, Balint não era levado em conta, em especial pelo kleinianos, como teórico da psicanálise.³⁸

Balint era posto de lado certamente por ter sido o depositário da herança literária subversiva de Ferenczi, cuja publicação foi bloqueada pela IPA.³⁹ Contudo, havia outros motivos. Desde os anos 1930, Balint firmou-se como crítico agudo do conceito freudiano de narcisismo primário. Além disso, sob a influência de Ferenczi, iniciou, e continuou durante a vida toda, o estudo dos relacionamentos duais, pré-genitais (do “amor objetal primário”). Concebeu as psicoses, os distúrbios de caráter e vários outros distúrbios, tradicionalmente excluídos do campo da psicanálise, como patologias que se originam, nessa área pré-edípica, da falta de “encaixe” (*lack of “fit”*) entre a mãe o bebê ou, como Balint passou a dizer na fase tardia, quando já falava a linguagem de Winnicott, das deficiências de manejo (*mismanagment*). De acordo com esse diagnóstico, Balint propôs uma terapia não freudiana para o tratamento dos distúrbios mencionados, baseada na ideia de “encaixe” e, ainda, na de manejo da regressão.⁴⁰

Nos final dos anos 1960, Balint já tem bem claro que nenhuma das duas principais escolas da psicanálise tradicional, a freudiana e a kleiniana, têm recursos teóricos e clínicos necessários para entender e tratar adequadamente da relação dual analisando-analista, em particular do hiato (*gulf, gap*) que separa “o bebê no paciente do analista adulto” (1992, pp. 90 e 182), hiato que pode ter existido já entre o paciente enquanto bebê e a mãe, devido à ocorrência da “falta básica” ou, nas palavras de Winnicott, da falha de manejo.⁴¹ Os freudianos não podem avançar nas questões dos relacionamentos duais por serem presos à área de relacionamentos triangulares edípicos e por falarem

³⁷ Em 1953, Winnicott presidiu a comissão da IPA, fortemente influenciada por Anna Freud, a qual não autorizou, por motivos doutrinários, a filiação de Lacan e Dolto (Roudinesco, 1993, pp. 324-325).

³⁸ Numa carta a Meltzer, um kleiniano, de 1966, Winnicott lamenta o fato de que, na BPS, todos tendem a negligenciar a obra de Balint, que desenvolveu trabalho teórico construtivo durante 40 anos (Winnicott, 1987b, p. 161).

³⁹ Sobre esse assunto, veja Dias, 2011, texto 9.

⁴⁰ Cf. Balint, 1992, p. 110. Veja, por exemplo, Balint, 1952, cap. 5 e 14, bem como Balint, 1992, caps. 7-13 e 14-18.

⁴¹ Pode não ser sem interesse notar que Lacan exclui categoricamente da psicanálise as relações duais em geral, tanto as entre a mãe e o bebê, como a entre o analisando e o analista (Lacan, 1975, caps. I.2, XVI e XVII, e Lacan, 1994, cap. IV.1).

a linguagem de adultos (Balint, 1992, p. 99), os kleinianos, pela mesma razão, pois “não vão além do alcance da linguagem convencional” edípica, apesar de “estenderem constantemente a [sua] semântica” (pp. 104-105)

Ao mesmo tempo, Balint constata a existência de um terceiro grupo de psicanalistas, muito menos organizados que os dois anteriores e espalhados pelo mundo analítico afora, os quais, sem negar a eficácia dos procedimentos convencionais na área edípica, ampliaram o alcance teórico e clínico da psicanálise por não usarem apenas a linguagem dos adultos, mas também a linguagem que possa ser entendida também pelos “bebês nos pacientes” regredidos, e tratarem as consequências das falhas ambientais e a regressão desses pacientes lançando mão de manejo. Winnicott teria sido “o mais versátil inventor” de palavras psicanalíticas e de modos de falar que podem ser usados na comunicação desse tipo (Balint, 1992, p. 168). Com base nessas considerações, Balint observa:

É bem verdade, a escola do “manejo” mal pode ser chamada de escola, por contraste às duas outras previamente mencionadas, pois lhe falta organização ou coesão e, por conseguinte, ela não desenvolveu uma linguagem própria, embora existam sinais de que isso possa acontecer sob a influência das ideias de Winnicott. (Balint, 1992, p. 116)

De 1968 para cá, a posição de Winnicott no campo psicanalítico mudou radicalmente, em parte além das expectativas de Balint. Winnicott foi reconhecido pela maioria de psicanalistas atuantes como uma das maiores figuras da história da psicanálise e a sua obra tornou-se objeto de estudos tanto nas sociedades tradicionais de psicanálise como nas instituições universitárias, no Brasil e no exterior.⁴²

A sua linguagem, contudo, não foi aceita universalmente, pior, passou a ser usada nos exercícios intertextuais, que tiveram sua origem na psicanálise lacaniana, praticas de discursos meramente retóricos, a retórica fazendo as vezes da descrição, teorização e argumentação. Por outro lado, há grupos em vários países que declaradamente optaram por falar a linguagem da psicanálise winnicottiana, sem acalentar – seguindo nisso Winnicott e Balint – qualquer pretensão de chegar um dia a falar uma linguagem unificada da psicanálise e, menos ainda, de toda a área da

⁴² A prova disso são os escritos de Adam Phillips, Christopher Reeves e Jan Abram, na Inglaterra, Dodi Goldman, Heinz Kohut, Jay R. Greenberg, Stephen A. Mitchell e Thomas H. Ogden, nos EUA, André Green, Jean-Bertrand Pontalis, Jean-Pierre Lehmann, Laura Dethiville e René Roussillon, na França, Axel Honneth e Caroline Neubaur, na Alemanha, Vincenzo Bonaminio, na Itália, Ofra Eshel, em Israel, para citar apenas alguns entre muitos nomes de estudiosos estrangeiros que se envolveram com a discussão das ideias de Winnicott. A eles convém acrescentar nomes de pesquisadores winnicottianos no Brasil, tais como Elsa Oliveira Dias, Gilberto Safra, José Outeiral e Júlio de Melo, para mencionar apenas alguns.

psicoterapia.⁴³ Alguns desses grupos foram devidamente institucionalizados. Um deles, reunido na Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana, com seus diferentes Centros, abriu, ainda em 2003, uma Escola Winnicottiana de Psicanálise, a qual oferece, assim como o Grupo Winnicott da SPF, de Paris, formação em psicanálise winnicottiana. Em maio de 2013, foi fundada em São Paulo a *International Winnicott Association* (IWA), que conta como membros 15 Grupos Winnicott de 9 países diferentes, com centenas de membros individuais. As palavras de Balint sobre a possível constituição futura de uma “escola do manejo” baseada nas ideias de Winnicott talvez soassem, em 1968, ainda uma exortação; hoje, elas podem ser escutadas como proféticas.

Referências

- Abram, Jan (2012). *Donald Winnicott Today*. London: Routledge.
- Balint, M. (1952). *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. London: Hogarth Press.
- Balint, M. (1992). *The Basic Fault*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press.
- Barreto, M. H. (2012). *Pensar Jung*. São Paulo: Edições Loyola.
- Caldwell, L. (2007). *Winnicott and the Psychoanalytic Tradition*. London: Karnac.]
- Dias, E. O. (2011). *Sobre a confiabilidade e outros estudos*. São Paulo: DWWeditorial.
- Dias, E. O. (2012). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. São Paulo: DWWeditorial.
- Dias, E. O. & Loparic, Z. (Orgs.) (2012). *Winnicott na Escola de São Paulo*. São Paulo: DWWeditorial.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fordham, M. (1963). The Empirical Foundations and Theories of the Self in Jung's Work. *Journal of Analytic Psychology*, v. 8, 1-23.
- Fordham, M. (1969). *Children as Individuals*. New York: G. P. Putnam's Sons.
- Grotstein, J. S. (1992). Introdução. In Little, M. L. (1992). *Ansiedades psicóticas e prevenção*. Rio de Janeiro: Imago.
- Jung, C. G. (1938). *Wandlungen und Symbole der Libido*. Leipzig: Franz Deuticke.
- Jung, C. G. (1961). *Erinnerungen, Träume, Gedanken*. Olten: Walter.
- Jung, C. G. (1963). *Memories, Dreams, Reflexions*. New York: Pantheon Books. (Tradução brasileira: Memórias, sonhos, reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006)

⁴³ O abandono de uma linguagem única para a psicanálise considerada ao longo da sua história é uma consequência direta da tese, defendida pela escola Winnicottiana de São Paulo, de que Winnicott mudou o paradigma da psicanálise criado por Freud. Novo paradigma implica nova linguagem e, por isso mesmo, nova edição de mundo.

- Jung, C. G. (1971/1972). *Gesammelte Werke (GW)*. Olten: Walter.
- Jung, C. G. (1995). *Symbole der Wandlung*. Düsseldorf: Walter.
- King, P. e Steiner, R. (Orgs) (1991). *The Freud-Klein Controversies 1941-1945*. London: Routledge.
- Kuhn, Th. S. (1970). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press. (Tradução brasileira: A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1975)
- Lacan, J. (1975). *Le Seminaire, livro I*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1994). *Le Seminaire, livro IV*. Paris: Seuil.
- Little, M. I. (1992). *Ansiedades psicóticas e prevenção*. Rio de Janeiro: Imago.
- Loparic, Z. (1985). As resistências à psicanálise. *Cadernos de história e filosofia da ciência*, n. 8, 29-49.
- Loparic, Z. (1996). Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Percursos*, n. 17, 41- 47.
- Loparic, Z. (2001). Esboço do paradigma winnicottiano. *Cadernos de História e Filosofia das Ciências*, 11(2), 7-58.
- Loparic, Z. (2005). Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. *Natureza humana*, 7(2), 311-358.
- Loparic, Z. (2007). Origem em Heidegger e Winnicott. *Winnicott e-prints*, série 2, 2(1).
- Loparic, Z. (2012). From Freud to Winnicott: Aspects of a Paradigm Change. In Abram, J. (Org.), *Donald Winnicott Today* (pp. 113-156). London: Routledge.
- Loparic, Z. (2013). O caso Jung. *Winnicott e-prints*, 7(2).
- Mathers, D. (2002). Kara and Individuation. In Young-Eisenrath, P. & Dawson, T. (Orgs.), *The Cambridge Companion to Jung* (pp. 207-223). Cambridge: Cambridge University Press.
- Miller, Melvin E. (2002). Zen and Psychotherapy In Young-Eisenrath, P. & Dawson, T. (Orgs.), *The Cambridge Companion to Jung* (pp. 81-92). Cambridge: Cambridge University Press.
- Roudinesco, E. (1993). *Jacques Lacan: esquisse d'une vie, histoire d'un systeme de pensée*. Paris: Fayard.
- Sedgwick, D. (2010). Winnicott's Dream: Some Reflections on D. W. Winnicott and C. G. Jung. *Journal of Analytical Psychology*, 53(4), 543-560.
- Solomon, H. M. (1997). The Developmental School. In Young-Eisenrath, P. & Dawson, T. (Orgs.), *The Cambridge Companion to Jung* (pp. 119-140). Cambridge: Cambridge University Press.

- Ulanov, A. (2002). Jung and Religion: the Opposing Self. In Young-Eisenrath, P. & Dawson, T. (Orgs.), *The Cambridge Companion to Jung* (pp. 296-313). Cambridge: Cambridge University Press.
- Winnicott, D. W. (1958a). *Through Paediatrics to Psycho-Analysis*. London, Karnac Books. (Tradução brasileira: Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000)
- Winnicott, D. W. (1965b). *Maturation Processes and Facilitating Environment*. London: Karnac Books. (Tradução brasileira: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983)
- Winnicott, D. W. (1971a). *Playing and Reality*. London: Penguin. (Tradução brasileira: O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975)
- Winnicott, D. W. (1986b). *Home is where we start from*. London: Penguin. (Tradução brasileira: Tudo começa em casa. São Paulo: Martins Fontes, 1989)
- Winnicott, D. W. (1987a). *Babies and their Mothers*. London: Free Association Books. (Tradução brasileira: Os bebês suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 1988)
- Winnicott, D. W. (1987b). *The Spontaneous Gesture*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. (Tradução brasileira: O gesto espontâneo. São Paulo: Martins Fontes, 1990)
- Winnicott, D. W. (1989a). *Psychoanalytic Explorations*. London, Karnac Books. (Tradução brasileira: Explorações psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994)
- Winnicott, D. W. (1988). *Human Nature*. London: Free Association Books. (Tradução brasileira: Natureza humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990)
- Winnicott, D. W. (1996a). *Thinking about Children*. London: Karnac Books. (Tradução brasileira: Pensando sobre crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997)